

Ernesto Bozzano

O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas

- Materializações de “Marie”, a dançarina, com a médium Florence Cook.
- Experiências espíritas de um ministro da Igreja Anglicana.
- Joy Snell e a Missão dos Anjos.
- Telepatia, telemnesia e a lei da *relação psíquica*.



Cornelis Barend - Pintor Paisagista



Conteúdo resumido

Esta obra reúne quatro monografias de Ernesto Bozzano, parte de um numeroso conjunto de obras desse grande cientista:

– A primeira apresenta as materializações de espíritos através da mediunidade de Florence Cook.

– A segunda relata as experiências do pastor V. G. Duncan, colhendo provas da sobrevivência da alma com o fim de orientar e consolar os seus paroquianos.

– A terceira monografia narra a história de Joy Snell, a enfermeira clarividente, que teve a oportunidade de presenciar a “Missão dos Anjos” no hospital em que servia.

– Por fim, a quarta monografia apresenta um estudo da *telepatia* e da *telemnésia*, em confronto com a lei de “relação psíquica” relacionada a esses dois fenômenos.

Homenagem a Ernesto Bozzano

(1862 - 1943)

Sob o ponto de vista científico, a contribuição de Ernesto Bozzano ao Espiritismo é realmente incalculável, quer em quali-

dade, quer em riqueza de casos e depoimentos. Influenciado pelo sistema positivista através da linha spenceriana, como ele próprio declara, nunca teve qualquer “indício de misticismo”, mas, pelo contrário, sempre foi um homem voltado para as soluções objetivas, infenso à cogitação, como se dizia muito em sua época.

Vejamos a franqueza com que Bozzano fala de seu passado filosófico:

“Uma vocação predominante me havia conduzido a ocupar-me, exclusiva e apaixonadamente, da escola científica e Herbert Spencer era, naquele tempo, o meu ídolo. Durante dois anos, eu estudara, ininterruptamente, anotara e classificara com imenso amor todo o conteúdo do seu imponente e enciclopédico sistema filosófico para, em seguida, lançar-me de corpo e alma nas lutas do pensamento, empenhando-me em polêmicas com quem ousasse criticar os argumentos e as hipóteses que o meu venerando mestre formulara.”

(A declaração está no I capítulo de uma de suas maiores obras: *Animismo ou Espiritismo?*)

Mais tarde, por estudo e observações diretas, chegou à convicção espírita e definiu sua nova posição em diversos trabalhos. Uma de suas motivações para o estudo da fenomenologia chamada *paranormal* foi a leitura dos *Anais das Ciências Psíquicas*, publicação dirigida por Dariex, mas orientada pelo Professor Charles Richet, autor do *Tratado de Metapsíquica*. Houve ainda outra motivação, aliás bem significativa: o debate de Richet com Rosenbach pela *Revista Filosófica*. Os argumentos que Richet contrapunha ao opositor impressionaram muito o ânimo de Bozzano, justamente pela sua consistência científica, enquanto as objeções de Rosenbach lhe pareceram logo insustentáveis pela falta de solidez. Daí por diante Bozzano e Richet trocaram correspondência muito franca e afetuosa.

Sabe-se que Richet ficou na “Metapsíquica”, mas deixou testemunho a respeito dos fatos e, por isso mesmo, embora não tenha chegado à Doutrina Espírita, é ainda citado com toda a procedência. Convém lembrar, e bem a propósito, que uma das

cartas de Richet a Bozzano, naturalmente depois de muitas observações e reflexões, termina assim: “E agora, abro-me a você, de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e Lodge, obteve-o você por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência.” (Sir Oliver Lodge, ao contrário do que geralmente se supõe, já estava convencido da sobrevivência do espírito muito antes do desenlace de seu filho Raymond na I Guerra Mundial, começada em 1914). O livro de Lodge, *Raymond*, é um depoimento valiosíssimo.

Bozzano estudou e pesquisou muito. Leu, com afinco, tudo quanto lhe foi possível sobre ciências psíquicas e, especificamente, sobre o Espiritismo, mas não reduziu o seu campo de trabalho aos estudos de gabinete, pois era um homem afeito à observação e à investigação. Corajoso em suas afirmações, proclamou a validade das teses espíritas sem temer os preconceitos acadêmicos e as ojerizas religiosas. Além de artigos em diversas revistas especializadas, Ernesto Bozzano publicou muitos livros, entre os quais *Xenoglossia*, *Enigmas da Psicometria*, *Pensamento e vontade*, *Fenômenos psíquicos no momento da morte*, *Fenômenos de transporte*, *Metapsíquica humana*, *Literatura de além-túmulo*, *Animismo ou espiritismo?*, *Comunicações mediúnicas entre vivos* (com depoimento de diversos pesquisadores, como Barrett, Lodge, Stead, Geley, em tradução de Francisco Klörs Werneck e apresentação de J. Herculano Pires, EDICEL, São Paulo), *Desdobramento – Fenômenos de bilocação* e muitas monografias: *Breve história dos “raps”*, *Materializações minúsculas*, *Marcas e impressões de mãos de fogo*, etc.

Temos aí apenas algumas referências biográficas, bem pouco, quase nada, sobre um estudioso e pesquisador do alto porte de Ernesto Bozzano, nascido em Gênova (Itália) em 1862 e desencarnado em julho de 1943. Neste pequeno resumo, entretanto, imprimimos todo o vigor espiritual de um preito de homenagem do Instituto de Cultura Espírita do Brasil.

Observações especiais:

A carta de Charles Richet a Ernesto Bozzano está no livro de Sérgio Valle (médico), edição da LAKE, São Paulo. Veja-se o penúltimo capítulo.

Diversos livros de Bozzano foram publicados pela Federação Espírita Brasileira; outros foram publicados pelas editoras ECO (Rio de Janeiro), CALVÁRIO (São Paulo), EDICEL (São Paulo) e LAKE (São Paulo), traduções do Dr. Francisco Klörs Werneck.

(Transcrito do IV vol. dos Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil, Rio de Janeiro, RJ, 1979, com autorização do seu digno Diretor, Prof. Deolindo Amorim).

Ao Leitor

Ernesto Bozzano, o grande Mestre da Ciência da Alma, escreveu os trabalhos constantes deste volume nos tempos áureos do Espiritismo científico, isto é, quando se procuravam provas concretas da sobrevivência da alma e da sua comunicação com os vivos da Terra.

Depois veio a II Grande Guerra Mundial, travada principalmente no continente europeu, e, depois dela, o Espiritismo, devido a ditaduras políticas e religiosas, desapareceu quase por completo, sendo mesmo proibido em Portugal e na Espanha. Na Itália, terra de Bozzano, só pôde surgir mais tarde apenas com o nome de Metapsíquica, porque os sucessores dos perseguidores cristãos não permitiam que o Espiritismo fosse pregado à luz do dia e então tivemos, por nossa vez, o Espiritismo das catacumbas européias. Já na Inglaterra, por ser um país protestante e separado do continente, o Espiritismo continuou a ser pregado e praticado, tornando-se, mais tarde, uma das religiões do país graças ao esforço de Lord Dowding, Marechal do Ar e grande herói nacional.

Convém esclarecer o leitor que os anglo-saxões (ingleses, norte-americanos, etc.) não empregam a palavra Espiritismo e sim Espiritualismo, pois o Espiritismo é uma doutrina codificada por Allan Kardec e só mesmo os seus adeptos é que podem ser chamados de espíritas, pois ele não tem santos, nem sacerdotes, nem altares, etc.

Parece-me, pois, que, na verdade, o Espiritismo científico desapareceu, ou quase isto, pois não se fala mais em sessões de efeitos físicos e muita gente só quer aprender Espiritismo em livros mediúnicos – não importando de qual autor e procedência, livros que muitos ainda consideram como ficção mediúnica – esquecida de que um fato é um fato e que contra fatos não há argumentos. Há ainda muita gente, nos tempos de hoje, que quer provas concretas e, como não as encontram aqui, em parte alguma, mesmo em livros nacionais, resolvi continuar a publicação de alguns dos excelentes trabalhos do grande Bozzano, que

provam, na base dos fatos, a sobrevivência da alma e a sua comunicação com os vivos da Terra.

O Tradutor

Materializações de “Marie”, a dançarina, com a médium Florence Cook

A longa carreira profissional da médium Srta. Florence Cook (depois Sra. Elgie Corner) divide-se, distintamente, em duas fases bem diferentes de notoriedade pessoal e fenomênica. De fato, tornaram-se clássicas e famosíssimas as materializações do espírito de “Katie King”, começadas quando a médium era uma jovem de apenas 18 anos de idade e prosseguiram durante 3 anos seguidos. Ao contrário, caíram no esquecimento as materializações de um espírito que sucedeu a “Katie King”, depois que esta, anunciando o fim de sua missão na Terra, se despediu da médium e de Sir William Crookes numa sessão memorável, cessando as suas manifestações para sempre.

Reconheço que o esquecimento da longa série de manifestações de “Marie”, a dançarina, encontra a sua justificativa no fato de serem tais manifestações bem menos interessantes do que as anteriores, quer pelo temperamento incivil e vulgar da entidade que se manifestava, quer porque se prestavam a suspeitas de fraude sempre renovadas, devido ao revezamento de experimentadores inexperientes que não podiam imaginar que os “espíritos de defuntos”, quando viveram em um ambiente social pouco evoluído, continuavam a se manifestar mundanos e pouco evoluídos, como o foram na vida terrena. Tais suspeitas foram agravadas pelo fato de ter-se o referido espírito apresentado muitíssimo parecido com a médium, apesar de diferenciar-se dela pelas proporções do corpo, alto e formoso, em contraste com o corpo da médium, pequeno e magro. Daí resultou que as manifestações de “Marie”, a dançarina, faziam a pobre médium sofrer martírios e amarguras¹ sempre renovados, que certos pesquisadores incompetentes lhe infligiam com acusações destituídas de qualquer fundamento e isso apesar de ter a médium constantemente exigido severo controle – ser despida, examinada e amarrada – e a despeito de terem sido as sessões realizadas quase sempre em casas alheias com o fim de impossibilitar a ajuda de “companheiros ocultos”.

Antes de expor, resumidamente, os principais eventos das materializações de “Marie”, acho útil recordar, como também nas materializações de “Katie”, que foi amiúde observada (mas nem sempre) a circunstância teoricamente embaraçante de sua semelhança com a médium. O Sr. William Harrison, diretor de *The Spiritualist*, pediu, certa vez, explicações a “Katie” sobre a razão de tal semelhança e esta assim lhe respondeu: “Não posso impedi-lo. Quando as circunstâncias não são favoráveis, a força organizadora da médium sobrepuja a força de minha vontade e então o meu rosto assume, mais ou menos, a aparência do da médium. Não posso impedi-lo de modo algum.”

Este esclarecimento de “Katie King” parecerá concludente a todo aquele que possuir noções relativas ao assunto, o que não impede que a mesma encerre um enorme mistério ligado ao problema do Ser. É fato que todos os seres organizados, nos três reinos da natureza – vegetal, animal e hominal – cresçam, se desenvolvam e assumam a forma que lhes compete por efeito de uma misteriosíssima “força organizadora”, força esta que dirige e obriga as moléculas químicas a se disporem de forma a modelar uma dada individualidade organizada, prodigiosamente complexa. Só atualmente e até certo ponto é que se começa a penetrar no grande mistério mais profundamente e isto graças às investigações chamadas “formas arquétipos”, que se mostram aos videntes nos processos de desenvolvimento orgânico, processos por eles observados nas espécies pertencentes aos três reinos da natureza, “formas arquétipos” pela primeira vez por mim salientadas e mostradas em dez páginas de comentário ao caso XXX de minha obra intitulada *Dei fenomeni di apporto*.²

Ora, baseado nessas pesquisas, deve-se inferir que tudo concorre para fazer presumir que tais “formas arquétipos” preexistem aos processos e daí a constituição da “trama” sobre a qual se exerce a “força organizadora” e talvez dever-se-ia acrescentar que as “formas arquétipos” tenham a sua origem em uma espécie de misteriosíssimo “viveiro cósmico que contém, em potencialidade, todas as formas”, que, pela lei da afinidade, seriam atraídas para todo nascimento de germes fecundados nos três reinos da natureza, ao passo que a “força organizadora”, que lhes é inata,

exercendo-se ainda e sempre pela lei da afinidade, forçaria as moléculas químicas a gravitarem e a se fixarem no ponto preciso que lhes compete na trama preexistente da “forma arquétipo”.

Querendo aplicar esses conhecimentos novíssimos ao problema em exame, referente aos processos das materializações mediúnicas, dever-se-ia dizer que o poder da “força organizadora”, inerente ao médium e inata à “forma arquétipo” correspondente, justificaria a enorme dificuldade para uma entidade desencarnada alcançar, inteiramente, o fim de materializar sua própria forma, servindo-se da substância extraída da “forma arquétipo” do médium. Somente em condições de um ambiente excepcional e homogêneo poderia o desencarnado alcançar completamente o seu objetivo. E é isto o que demonstra a mediunidade de Florence Cook, à semelhança de outros médiuns de efeitos físicos; contudo não generalizemos, esquecendo que, por vezes, se verificam condições excepcionais de ambiente que tornam possível alcançar o objetivo. Recordo, a propósito, o médium polonês Franek Kluski, com o qual o saudoso doutor Gustave Geley experimentou por muito tempo. Com tão potente médium de efeitos físicos não se verificou nenhuma semelhança entre o seu rosto e os dos espíritos materializados que constituíam imponente variedade: masculinos, femininos e infantis, de espíritos que, amiúde, se exprimiam em línguas ignoradas de todos os presentes.

Observo ainda que esses novíssimos conhecimentos também seriam úteis para elucidar o misterioso processo da materialização, por meio da qual se assiste à concretização e à dissolução, *quase instantânea*, de espíritos solidamente construídos, prodígio que, de certo modo, se tornaria mais compreensível no caso que se realizasse sobre a base da presença das “formas arquétipos” preexistentes, as quais, servindo de tramas às miríades de moléculas lançadas em movimento vertiginoso, as obrigassem, pela lei da afinidade, a gravitar para o ponto preciso em que deveria fixar-se nas formas materializadas para depois reentrar e fixar-se no organismo do médium. Repito que, em tal caso, o prodígio pareceria mais compreensível porquanto a condição de exteriori-

zação auxiliaria a compreender que tudo isso pode realizar-se, *em ordem perfeita*, mesmo em curto tempo.

Não é, porém, chegado o momento de estender-se em torno do fascinante assunto sobre a existência das “formas arquétipos”, fundamento de todo processo organizador, que não devem ser confundidas com o que se entende por *perispírito*, visto que esta última denominação se refere ao “invólucro do espírito”, ao passo que as “formas arquétipos”, sendo comuns aos três reinos da natureza e preexistindo aos organismos criados, originariam – para assim me exprimir – as “Arcas da Vida” e não ainda os “Tabernáculos do Espírito”.

Não podendo estender-me mais sobre o tema em questão, recomendo a leitura de meu supracitado trabalho, *Fenômenos de Transporte*, aos que desejarem conhecer melhor o assunto.

Voltando a “Katie King”, observo como ela, amiúde, quando eram favoráveis as condições de ambiente, diferia totalmente da médium, o que deveria bastar para confirmar as explicações por ela dadas a respeito e ainda para disso inferir a intervenção de uma personalidade espiritual, ou, se o quiserem, de uma “forma arquétipo” extrínseca à médium, ao mesmo tempo em que, de outra parte, a independência espiritual da personalidade em apreço já parecia manifesta quanto aos característicos de seu temperamento e de sua intelectualidade, ambos radicalmente diferentes dos da médium.

A Sra. Florence Marryat descreve nestes termos, em sua obra *There is no death* (Não há morte), um interessante episódio em que “Katie King” pôde manifestar-se tal qual fora em vida:

“Certa noite “Katie” saiu do gabinete mediúnico e veio sentar-se nos meus joelhos, o que me deu oportunidade para verificar o quanto mais formosa e menos pesada era que a médium, mas, em certas ocasiões, se parecia muito com ela. Disse-lhe isto, ela encolheu os ombros e respondeu-me: “Bem o sei, mas não posso impedi-lo. De qualquer modo, fui bem mais formosa na existência terrena. Chegará o dia em que lho provarei.” Reentrou no gabinete, espreitou às ocultas por uma fenda da cortina e me pediu que me apro-

ximasse. Assim o fiz e ela me levou para o interior do gabinete. Observei que as cortinas eram muito transparentes e permitiam que a luz do gás iluminasse suficientemente o seu interior. A médium Florence Cook estava deitada num colchão e mergulhada em profundo sono. “Katie” desejava ansiosamente que eu me certificasse de sua personalidade, insistindo para que eu a tocasse, a apalpassem, lhe apertasse as mãos e puxasse os cabelos. Depois me perguntou: “Está bem certa de se achar na presença de minha médium?” Respondi-lhe que estava absolutamente certa disso e ela assim prosseguiu: “Observa-me agora. Olha meu rosto tal como foi em vida terrena.” Dirigi o olhar para a forma que estivera sentada no meu colo e, extremamente maravilhada, distingui o vulto de uma jovem formosíssima, de grandes olhos azuis ou cinzentos, pele alvíssima, abundante cabeleira avermelhada. “Katie” parecia enlevada com a minha surpresa e sorriu, perguntando-me: “Porventura não sou mais bonita do que a minha Florice?” Levantou-se em seguida, apanhou uma tesoura de cima da mesa, cortou uma madeixa dos seus cabelos e outra dos da médium e me entregou as duas. Os cabelos da médium são quase pretos e pareciam macios como seda, ao passo que os de “Katie” são de um vermelho dourado e áspero ao tato.”

A Sra. Marryat, que, como Crookes, assistiu à última e emocionante sessão em que “Katie King” se despediu dos seus amigos do mundo terreno, ainda assistiu às primeiras manifestações de “Marie”, a dançarina, e, na sua narração, descreve nestes termos a memorável sessão:

“A cena do último adeus foi emocionante como acontece quando nos separamos de entes amados nos seus leitos de morte.

“Katie” parecia não querer partir e sempre se voltava para contemplar ainda uma vez os caros amigos que deveria deixar, mas o fazia especialmente por sua amizade a William Crookes, a quem muito se afeiçoara, como ele a “Katie King”. O que ela havia dito a respeito de sua partida defini-

tiva realizou-se efetivamente, porque, depois daquele dia, Florence Cook não mais a viu e nada mais soube sobre ela.

“Katie” foi imediatamente substituída por outra forma materializada, que se deu o nome de “Marie”. Esta dançava e cantava de maneira classicamente profissional, habilidade que a Srta. Cook não possuía absolutamente. Não teria mencionado esta nova manifestação – que poucas vezes vi – se não me sentisse no dever de fazê-lo pelo seguinte motivo:

Certa vez em que a Srta. Cook se prontificou a realizar uma sessão no salão da *National British Association of Spiritualists*, um moço inexperiente, de nome George Sitwell, insinuou que a médium mistificava e que o espírito de “Marie” era a própria médium, vestida de branco para enganar os outros. A notícia foi logo acolhida pelos jornalistas e toda a imprensa do país acusou a médium e os espíritas...

Em uma sessão subsequente, que deveria realizar-se no mesmo local, a Srta. Cook exigiu a presença de um dos assistentes no gabinete mediúnico, sem o que não faria a sessão, e eu fui a escolhida. Devo acrescentar que fui solidamente amarrada à médium e que assim permanecemos durante a sessão inteira, o que não impediu que “Marie” se materializasse, dançasse e cantasse fora do gabinete, como havia feito antes na presença do dito George Sitwell e isto, repito, durante o tempo em que eu e a médium estivemos bem ligadas uma à outra. E foi quanto bastou para aconselhar os sabichões do grande salão a serem prudentes quando se pronunciassem a respeito de assuntos que não conhecem...”

Naturalmente que a alegre notícia, referente à prova resolutória a que a médium foi submetida e em virtude da qual emergiu triunfante a sua inocência, bem como a independência do fantasma materializado de “Marie”, foi logo acolhida e divulgada pelas revistas espíritas, mas já se compreende que a imprensa jornalística, que divulgara rapidamente a notícia da suposta

mistificação, absteve-se, rigorosamente, de acolher a intempestiva notícia que desmentia a acusação feita.³

Como quer que fosse, transcorreram alguns anos sem que se renovassem as suspeitas de fraude, mas, em contraposição, e especialmente devido a uma série de experiências realizadas em Paris e Berlim, surgiu a hipótese de “desdobramento materializado” da médium e, não obstante ter tudo concorrido para demonstrar que dita hipótese era insuficiente para explicar o conjunto dos fatos, fácil não foi refutá-la e isto pela falta de provas adequadas de identificação pessoal combinada com a circunstância da semelhança entre o rosto da forma materializada e o da médium, semelhança que, todavia, pelo menos uma vez, não foi verificada, como veremos mais adiante.

Deve-se, contudo, reconhecer que “Marie” bem pouco revelava a respeito de sua vida terrena, limitando-se a informar que nascera na Argélia, exercera a profissão de bailarina e cantora em teatros de variedades e falecera na flor da idade. A sua morte, porém, ocorrera havia alguns anos e, como vivera obscuramente, tornava-se impossível verificar-lhe a identidade. Expressava-se, todavia, em um patuá francês falado pelos nascidos na Argélia e esta última circunstância assume certo valor probatório.

Inútil é seguir, no presente trabalho, as dolorosas alternativas do calvário mediúnico de Florence Cook por causa das materializações de “Marie”, a dançarina, e tanto mais desaconselhado parece fazê-lo porque as manifestações em questão se sucederam por dez anos, sempre com as mesmas modalidades de exteriorização, isto é, que, depois de uma demora mais ou menos longa, “Marie” se materializava, saía do gabinete, dançava e cantava quando o podia ou dirigia aos presentes algumas frases no mesmo patuá para depois voltar ao gabinete e desaparecer.

Resulta daí que a reprodução de narrações de sucessos sempre iguais se tornaria sumamente monótona, o que naturalmente não significa que essa longa série de experiências não sejam dignas de ser estudadas em suas mais minuciosas particularidades, das quais se poderiam colher verdades altamente instrutivas acerca do poder de sugestão das pessoas cétricas e hostis relativamente à conduta inconsciente dos médiuns em transe.

Para evitar a monotonia, limito-me a repetir a parte substancial de uma boa sessão em que se encontram todas as modalidades com as quais se manifestava “Marie”, a dançarina.

Extraio a narração do livro da marquesa Townshend of Raynhal *True Ghost Stories* (Verdadeiras histórias de fantasmas) e o relator é o conhecido e autorizado metapsiquista inglês Sir Ernest Bennett, sócio fundador da *Society for Psychical Research*, de Londres. Ele, meticoloso partidário dos métodos científicos das pesquisas psíquicas, que exigem provas e mais provas antes de pronunciar-se a respeito, se abstivera de publicar, nos seus *Proceedings*, a narração da única sessão à qual assistira com Florence Cook, mas logo permitiu que a Sra. Townshend a incluísse em seu livro.

Como é extensa a dita narração, condenso, em poucas palavras, o caso de que se trata.

Há trinta e cinco anos, achando-se Sir Ernest Bennett na residência da propriedade agrícola de Lady B. H., senhora pertencente à alta aristocracia inglesa, pediu esta a Sir Bennett que arranjasse um médium em Londres para fazer algumas experiências ali. Ele não queria, mas, para não mostrar-se indelicado, lhe disse que conhecia uma autêntica médium de nome Florence Cook e aconselhou-a se devesse convidá-la como hóspede e não como médium.

Assim se fez e Florence Cook foi bem acolhida por um grupo de pessoas cétricas e completamente novatas no assunto. Já ao contrário, Sir Bennett era bom conhecedor das experiências psíquicas e dispôs-se a tomar as mais minuciosas medidas de fiscalização, que, de resto, haviam sido pedidas pela própria médium. Assim sendo, duas senhoras do grupo despiram-na, examinaram-na e depois a vestiram com outras roupas. Posteriormente Sir Bennett ligou-a solidamente à cadeira, pelos braços e pernas, por meio de um feixe composto de filamentos soltos de seda, filamentos esses que tornavam impossível desatar os nós em plena obscuridade. Terminados todos os preparativos, os experimentadores foram colocados em semicírculo, de modo a cercar o gabinete mediúnico improvisado com duas cortinas, em um canto da sala. Sir Ernest Bennett sentou-se à direita e um

doutor cético à esquerda da médium, que ficava no gabinete, mas com as cortinas abertas.

A narração assim prossegue:

“A médium não tardou em cair no estado de “transe”. Reclinou a cabeça e subitamente ficou inconsciente... O aposento estava fracamente aclarado por uma lampadazinha vermelha que iluminava os vultos dos experimentadores... Previamente Florence Cook havia pedido e conseguira a promessa formal de não tocarem as formas materializadas...

De repente abriram-se as cortinas do gabinete mediúnico e surgiu uma curiosa figura humana com um turbante na cabeça, túnica e calças largas à oriental, presas abaixo dos joelhos. As pernas e os braços estavam nus e a figura parecia indubitavelmente a de uma mulher. Saiu e voltou imediatamente no gabinete; depois, adquirida a força suficiente, reapareceu defronte dele, fechando-lhe as cortinas atrás de si.

Ainda não estavam os experimentadores refeitos da enorme surpresa provocada pela aparição de tão singular figura, quando essa começou a falar em francês, informando que se chamava “Marie”, que nascera na Argélia e que em vida fora bailarina. Essa forma materializada revelou-se logo uma personalidade pouco séria e nada espiritualizada. Conversava voluvelmente na sua gíria francesa e espantava os experimentadores ao executar ousados giros de dança peculiar ao ambiente argelino. Em seguida, como se tomada por súbita timidez ou outro motivo, precipitava-se para dentro do gabinete, onde ficava durante longo tempo.

A impressão que ela produziu nos experimentadores foi a mais desastrosa, visto que o que haviam presenciado não se harmonizava absolutamente com a idéia que tinham sobre a volta dos defuntos do plano espiritual. Essa forma materializada se mostrava em aspecto florido, na forma mais vulgar do termo, tal como deveria ter vivido na Terra, e o mais benévolo dos presentes não a teria certamente descrito como a simpática “Marie”, visto que, por outro lado, se reve-

lava, visivelmente, teimosa e temperamental; todavia, quando melhor se certificou do temperamento dos experimentadores, dignou-se de se aproximar de um deles, oferecendo-lhe um aperto de mão. O favorecido com tal oferecimento não ousou rejeitá-lo e longo e vigoroso foi o aperto de mãos. Esse homem informou depois aos assistentes que a mão que apertara lhe parecera realmente de carne e osso.

Sir Ernest Bennett não conseguiu explicar a gênese de semelhante personalidade e, para fazer alguma investigação, pediu a “Marie” que lhe mostrasse o seu próprio pé. Tal pedido, um tanto indiscreto, irritou a dançarina que, com maus modos, o afastou de sua presença, dizendo-lhe, sem rebuços, a opinião que dele formara, por meio de uma gíria bem expressiva. Sir Bennett, porém, sem perder a linha, conseguiu examinar minuciosamente o pé de “Marie”, que, não sendo precisamente o da célebre bailarina Trilby, era, todavia, um pezinho bem modelado. Essa inspeção foi acompanhada de fortes protestos de “Marie”, que finalmente declarou que ia retirar-se definitivamente, visto estar enfadada de todos: *“Je suis fatigué à mourir de ces mornes vrais types anglais”*.

Sir Bennett replicou então: “Assim que você entrar no gabinete, eu a seguirei.” Esta declaração provocou uma série de desaforos sobre ele. Lady B. H. ficou impressionada e lembrou a Sir Bennett que ele e os demais assistentes haviam prometido não tocar na forma materializada, mas ele lhe respondeu: “Só prometi não tocá-la, mas não prometi que não a seguiria.” Enquanto durava essa breve disputa, passou a oportunidade de seguir a forma materializada de “Marie”, que penetrou no gabinete e, quando Sir Bennett se precipitou em direção ao mesmo, só vislumbrou Florence Cook rodeada pelos cordões de seda, com os nós intactos e mergulhada em profundo transe. “Marie” havia desaparecido, *como se tivesse afundado no chão*. E todos se perguntavam: Para onde teria ido ela? Que fora feito dela?, visto que tiveram a ocasião de notar que entre “Marie” e Florence

Cook grandes eram as diferenças de corpos e que *não havia a menor semelhança entre o rosto de uma e o da outra*.

Alguém sugeriu que “Marie” poderia ser um manequim de dimensões naturais, acionado, de forma incompreensível, por meio de fios, e que suas palavras eram pronunciadas por um ventríloquo, mas tal sugestão foi logo repelida pelo bom senso de todos. O médico cético sugeriu, por sua vez, que os experimentadores teriam sido hipnotizados à distância pela médium, da mesma maneira que os faquires indianos, porém Sir Bennett declarou que tal hipótese era absurda, visto não existirem exemplos de hipnotização coletiva, sem contar que, mesmo nos casos de hipnotização singular, a coisa sempre falha na primeira tentativa, especialmente por falta de consentimento do sensitivo, pelo que seria absurdo pretender que uma dúzia de experimentadores tivessem sido hipnotizados por uma pessoa estranha, que nem era vista por se achar oculta dentro do gabinete.

Em resumo: “Marie” permanece um mistério absoluto. E Sir Bennett a ela se refere como da mais *estranha* experiência em sua aventurosa existência. E o problema se torna mais embaraçoso pela personalidade invulgar de “Marie”: rude, teimosa e xingadora. Poder-se-ia compará-la a uma personagem do ambiente descrito por Emile Zola em seus romances desenrolados em lugares de corrupção e vício. Mas quem a teria levado a Gloucestershire? E naquela noite onde foi ela parar?”

São estas as modalidades com as quais se manifestava o fantasma materializado de “Marie”, a dançarina, em um ambiente favorável. Noto, especialmente, que na narração feita há a particularidade excepcional de os experimentadores terem tido a oportunidade de observar que *não existia a menor semelhança entre o rosto da médium e o da forma materializada*, particularidade que penso ter sido a única conseguida na longa série de experiências. De qualquer modo, saliento que a verificação desse fato, teoricamente importantíssima, se verificou tanto no caso de “Marie” como no de “Katie” e, assim sendo, dever-se-ia conclu-

ir, também desta vez, em favor da independência dos fantasmas materializados.

Firmado este ponto, observo que o que surpreende, principalmente na narração acima, é o grande contraste existente entre a natureza vulgar e incivil da personalidade de “Marie” e a nobreza do caráter de “Katie”, não obstante terem-se as duas exteriorizado com a mesma médium e em sucessão imediata. Tal fato nos leva a concluir pela completa independência espiritual de ambas as formas materializadas entre si, bem como pela inexistência de ligação com a personalidade psíquica da médium, ao mesmo tempo em que nos induz a concluir ainda que Sir Ernest Bennett tinha razão quando comparou “Marie”, a dançarina, às personagens dos romances de Emile Zola, que ele tirou das baixas camadas da sociedade. Efetivamente, considerando-se verdadeira sua informação acerca de seu próprio passado, então se torna indubitável o acerto da comparação feita, visto que o ambiente em que vivem as bailarinas não é certamente um ambiente moralmente elevado e socialmente perfeito. E uma vez admitido isto, estas considerações justificam o modo de agir da forma materializada, de modo que também não erraram os experimentadores quando tiveram dela uma impressão moralmente desastrosa. Por que moralmente desastrosa? Esperavam eles, porventura, devessem regenerar-se, como por encanto, os espíritos de defuntos simplesmente pelo fato de terem desencarnado, de terem ido para o mundo espiritual, transformando-se moralmente em modelos de virtudes mesmo quando tivessem vivido em um ambiente de vício? Não lhes farei a injustiça de considerá-los capazes de conclusões tão irracionais, limitando-me a observar que, em seu juízo, eles se comportaram como se o tivessem acreditado, porque, em caso contrário, deveriam ter concluído que assistiram à manifestação de uma personalidade materializada, que, em vida, pertencera à camada inferior da sociedade, ou, se o quiserem, talvez melhorada em algum defeito moral que não aparecera em suas manifestações. Em outras palavras: basta o bom senso para se entender que um espírito desencarnado, moralmente inferior, somente consegue purificar-

se, aperfeiçoar-se, redimir-se, em conseqüência de uma longa e laboriosa sucessão de provas de ordem espiritual.⁴

Ao contrário, no caso de “Katie King”, que fora filha de um corsário inglês e levara uma vida que não se pode calcular, compreende-se que suas condições espirituais, já notavelmente evoluídas, estavam em relação com sua permanência de alguns séculos no mundo espiritual, de modo que teve longa oportunidade de evoluir, entregando-se a tarefas laboriosas e obras meritórias, como essa agora no mundo terreno, mostrando aos viandantes extraviados no caminho áspero da Terra a estrada reta da vida e dando-lhes a mais completa prova da sobrevivência da alma. Enfim, “Katie” afirmara que o objetivo de suas realizações constituía para ela uma última missão a cumprir na Terra, missão destinada a trazer sua contribuição de provas, baseadas em fatos, para demonstrar que o espírito sobrevive à morte do corpo.

De um outro ponto de vista, apresenta-se-nos um problema a resolver e é que as realizações de “Marie”, a dançarina, não somente não progrediram durante tantos anos de experiências, mas, ao contrário, retrogradaram lentamente nos últimos anos da carreira da médium, de modo que as boas sessões, como a que foi narrada, se realizaram exclusivamente nos primeiros anos de suas manifestações para depois degenerar, fazendo com que o fantasma de “Marie” raramente conseguisse manifestar-se integralmente. Efetivamente, faltava-lhe a desenvoltura dos outros tempos, não dançava mais, já não cantava nem falava e apenas conseguia manter sua forma por uns instantes. Ao contrário, se confrontarmos toda a série das manifestações de “Katie King” com as de “Marie”, verificaremos que, na primeira série, conseguida com a mesma médium e quando ela contava apenas 15 anos, os processos de realizações progrediram sempre nos três anos, tempo da duração das memoráveis experiências de Sir William Crookes e, no fim, o fantasma de “Katie” conseguiu tal excelência de organização materializada que chegou a ter um coração que pulsava regularmente, ao mesmo tempo em que revelava tal independência da médium que lhe permitiu mostrar-se ao lado dela, prestando-se a ser fotografada quarenta vezes e

passeando pelo aposento de braço dado com Crookes e, finalmente, reunindo, em torno de si, os filhos dele e entretendo-os com o relato de acontecimentos de sua vida breve e aventureira. E tudo isso na residência do mesmo Crookes, em que a médium se hospedara por semanas inteiras, durante as quais não permanecera sozinha, nem de dia, nem de noite.⁵

Quais as razões de tão grande diferença entre a evolução triunfal da primeira série das materializações e a lamentável involução da segunda série, se a médium era a mesma? A resposta não é dúvida e reside no fato de que, nos três primeiros anos durante os quais se desenvolveram as experiências de William Crookes, ele e os componentes de seu grupo permaneciam sempre os mesmos, de modo que seus fluidos exteriorizados puderam harmonizar-se, sintonizar-se e fundir com os da médium, contribuindo eficazmente para reunir o máximo rendimento de que seria capaz a mediunidade dela.

E aqui se apresenta a oportunidade de reforçar estas considerações atinentes aos métodos de investigação experimental com o relato de um segundo exemplo do gênero, ocorrido na minha presença. Quando no “Círculo Científico Minerva”, de Gênova, depois de onze meses de experiências com a médium Eusápia Paladino, lembrei-me, subitamente, de propor a “John” a escolha, dentre os sócios do Círculo (que, em sua totalidade, já haviam experimentado com Eusápia), de pessoas que, por afinidade fluídica, melhor se prestassem a reforçar a potencialidade da médium, “John” acolheu a proposta com entusiasmo e obtivemos a mais extraordinária sessão de toda a carreira de Eusápia, sessão que se realizou em um aposento iluminado por um bico de gás e na qual se apresentaram, diante dos experimentadores, entre os quais o Professor Morselli, o Dr. Venzano e a minha pessoa, seis formas materializadas e perfeitamente formadas. Entre elas havia uma forma de mulher idosa, que trazia nos braços uma criança de tenra idade, cujos bracinhos envolviam a cabeça da forma feminina que beijou três vezes na fronte. Tudo isto, repito, em plena luz, com a médium visível através da abertura das cortinas, solidamente ligados os pés, as mãos e a cintura (pelo Prof. Morselli) e deitada em uma maca. A narrativa

de tão memorável sessão foi publicada no 2º volume da obra do Prof. Morselli, *Espiritismo e Psicologia*, nele ocupando 66 páginas. Também indico o livro *Hipótese Espírita e Teorias Científicas*.

Estas são as conseqüências prodigiosas da harmonização fluídica nas sessões experimentais de efeitos físicos. Observa-se, pois, que, no caso de Florence Cook, a grande lei da sintonização entre os experimentadores foi mantida durante os três anos em que “Katie King” se manifestou, ao passo que, ao contrário, essa lei foi totalmente negligenciada durante os vários anos em que “Marie” se manifestou, com a conseqüência de ter o revezamento de experimentadores, sempre novos, impedido a sintonização de fluidos, para o que é preciso um bom número de sessões sempre com os mesmos experimentadores, reunidos no mesmo aposento e nos mesmos lugares de sempre. E foi este o motivo pelo qual a forma materializada de “Marie”, a dançarina, não conseguia mais a excelência da organização anterior.

São estes os ensinamentos práticos que sugere o confronto entre as duas longas séries de manifestações materializadas conseguidas com a médium Florence Cook e de efeitos tão diferentes pelos resultados.

Experiências espíritas de um ministro da Igreja Anglicana

Atualmente está se multiplicando o número de ótimos médiuns de *voz direta* e isto em correspondência com o vivo desejo desses médiuns de chegarem a obter essa forma convincente de manifestações, o que demonstra como é a mediunidade de efeitos físicos mais ou menos transformável, com a condição, porém, de possuírem uma boa persistência e um propósito absoluto, porque isto requer anos de paciência e metódicas sessões preparatórias com resultados nulos antes de ser atingido o tão ambicionado fim.

Sabe-se que a Sra. Gibbons Grinling sentou-se com seu filho, em plena obscuridade, três vezes por semana, durante três anos seguidos, sem nunca chegarem a obter coisa alguma. Depois, certa noite, de um ângulo do teto, fez-se ouvir a voz do filho morto que lhe comunicava a agradável notícia de que a sua perseverança havia alcançado o desejado prêmio e desde aquele dia a sua mediunidade se desenvolveu de forma rápida.

Sucedeu o mesmo, recentemente, com o conhecido jornalista inglês Hannen Swaffer, autor da obra *Northcliff's Return* (A volta de Northcliff), o qual, depois de ter assistido, em casa de H. Dennis Bradley, às sessões com o médium Valiantine, formou, em sua própria casa, um grupo de experimentadores escolhidos com o escopo de chegarem a obter o fenômeno de *voz direta* e nisto perseverou por dois anos sem resultado algum, mas eis que, já passados alguns meses, a *voz direta* se fez ouvir também no seu grupo, desenvolvendo-se e reforçando-se rapidamente.

Diga-se o mesmo das bem conhecidas senhoritas Moore, das quais me resolvo ora tratar a propósito de magníficas sessões que o Rev. V. G. Duncan teve com elas, que, já desde 1917, nunca se tinham interessado por experiências mediúnicas, mas naquele ano conheceram uma família de espíritas com a qual participaram de algumas experiências psicográficas que lhes despertaram o interesse. Tentaram escrever automaticamente e o conseguiram.

ram. Numa dessas experiências, uma entidade comunicante aconselhou-as a se proverem de uma “trombeta acústica” e que se sentassem em plena obscuridade, assegurando-lhes que, com sua persistência, conseguiriam o fenômeno de *voz direta*. Nisso perseveraram por quase um ano sem nada obterem, mas certa noite fizeram-se ouvir leves pancadinhas batidas na trombeta. O modesto fenômeno serviu para reforçar-lhes a tenacidade de propósito que estava prestes a findar e, depois de alguns meses, ouviram a “voz de um espírito” que lhes enviava uma saudação de feliz êxito. Desse momento em diante, a mediunidade delas se desenvolveu rapidamente em tal sentido e depois as *vozes diretas* se exprimiram num tom absolutamente normal.

O Rev. Duncan intitulou o seu livro com uma só palavra, *Proofs* (Provas), título lógico este, pois que é repleto de fatos que convergem todos para um fim único: a demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano. Observa ele:

“Este livro, profundamente sincero, foi escrito por um ministro da igreja anglicana e é o resultado de um esforço começado em 1926 para resolver, por meio do método experimental, o problema dos problemas que é o da sobrevivência do espírito à morte do corpo... O esforço para adquirir uma convicção pessoal sobre este assunto se impõe a tal ponto que toda pessoa, capaz de refletir, não pode deixar de realizá-lo em uma época como a nossa, de isolamento e de perplexidade espiritual.

Nesse esforço tenaz de pesquisas, em que me aconteceu explorar também a minha fé ... cheguei a descobrir quanto basta ... para oferecer o bálsamo de consolo às almas torturadas pela dúvida ou àqueles que choram sobre uma sepultura recente e se interrogam, consternadas, sobre que coisa teria sucedido aos seus parentes próximos, chegados ao tenebroso ocaso ou à aurora radiosa que os humanos chamam de *morte*.”

Estas reflexões, profundamente verdadeiras e não menos sinceras, demonstram logo que, no ministro anglicano como num imenso número de pessoas, cultas e incultas, de nosso século, se

instalara o tormentoso acúleo de uma dúvida filosófica que não poderia ser eliminada de outra forma senão obtendo-se provas concretas da sobrevivência.

Em tais circunstâncias, ele recorda que, quando moço, assistira a algumas sessões mediúnicas que, na verdade, não o tinham animado a prosseguir nas pesquisas que ora resolvia fazer. Assim escreve ele:

“A minha volta às pesquisas psíquicas começou em 1922, na ocasião em que ainda estava na Escócia. Quando me deparava com almas sofredoras, que me suplicavam palavras de conforto, sentia mais do que nunca a necessidade de encontrar argumentos mais seguros e pessoais do que os que me fornecera a ortodoxia anglicana e foi por essa imperiosa necessidade que resolvi empreender o estudo dos portentosos volumes da *Society for Psychical Research*. Depois, li, estudei e anotei uma centena de obras diversas sobre o mesmo assunto. Certo dia, o meu livreiro habitual, que tinha notado minha preferência por essa espécie de literatura, disse-me que, se eu desejava aprofundar-me experimentalmente nas pesquisas psíquicas, ele poderia ajudar-me...”

E assim aconteceu. Por intermédio do seu livreiro foi que o Rev. Duncan conheceu as senhoritas Moore, médiuns que ele descreve nos seguintes termos:

“Nunca eu me encontrara com médiuns de *voz direta*, pelo que, quando me foram apresentadas as duas jovens irmãs, comecei a observá-las com grande interesse, estudando-as do ponto de vista psicológico. Pareceram-me, em tudo, duas jovens escocesas normalíssimas, modestas e gentis, nas quais não se observavam absolutamente as características especiais de médiuns suspeitos. A única particularidade perceptível a um observador perspicaz consistia no seu olhar vago, que parecia fixar-se longe, muito longe mesmo: era o indescritível olhar particular aos “videntes” da Escócia. Durante a breve conversa que precedeu a sessão, tive meios de verificar que as duas irmãs eram entusiastas do movimento espiritualista ao qual tinham consagra-

do a vida e pelo qual esperavam a regeneração da humanidade. Explicaram-me, modestamente, que eram simples instrumentos a serviço dos desencarnados...”

O Rev. Duncan fora à sessão juntamente com um amigo, ex-oficial do Exército, amigo que estava tanto quanto ele próprio desejoso de formar um conceito pessoal sobre a realidade das manifestações dos chamados mortos. Ambos obtiveram boas provas em tal sentido: ao oficial manifestou-se a própria mãe, da qual reconheceu a voz e que lhe forneceu magníficas provas de identificação pessoal, e ao Rev. Duncan manifestou-se um dos vigários que o haviam precedido no exercício da paróquia que lhe foi confiada, vigário que ele nunca conhecera. Relato a seguir um trecho deste último episódio:

“O *espírito-guia* dirigiu-se a mim, dizendo: “Irmão, está presente alguém que deseja falar-vos. É alto, bem apessoado, e parece também um ministro anglicano. Apresenta-se vestido com uma comprida batina preta”, ao que respondi que me seria bem agradável conversar com ele.

Fez-se logo ouvir uma “voz” que me falou defronte, a poucas polegadas do rosto, e que se exprimiu nestes termos:

– Sou Moss, Gerald Moss. Não me conhecestes, mas bem sabeis quem sou. Fui o primeiro vigário da igreja em que estais.

– Estou mais do que satisfeito em conversar com um meu antecessor. Podeis dizer-me em que local faleceste?

– Sim. Millhaven.

– É verdade. E de que doença faleceste?

– Pulmonite.

– (Exato). Naturalmente vos lembrais do nome de minha igreja.

– De nossa igreja, devereis dizer. É São J...

– (Exato). Porventura desejais encarregar-me de uma mensagem para a vossa esposa?

– Nunca me casei e bem o sabeis, replicou prontamente a “voz”, com certo ressentimento na tonalidade com que se exprimiu.

Apressei-me a pedir-lhe desculpas, observando que ele compreendia certamente e talvez apreciasse o motivo pelo qual lhe dirigi uma pergunta assim.

Ouviu-se uma risadinha, seguida da resposta: “Provas cruciais para a casuística.”

Observei-lhe ainda que, se me fornecesse alguma informação valiosa de identificação pessoal, prestar-me-ia um assinalado serviço. Preferivelmente algum incidente por mim ignorado, mas suscetível de controle, caso em que não seria fácil para os adversários proferirem a palavra mágica: “subconsciente”.

Ele respondeu: “Esperai um momento... Achei. Ignorais certamente que já fui professor.

– Ignoro-o absolutamente e asseguro-vos sinceramente que nada conheço de vosso passado.

– Bem, bem... Então vos informo que, antes de receber as ordens religiosas, fui mestre na Escola M. T., de Edimburgo. Podeis verificar a exatidão do que afirmo.

– Obrigado. Fá-lo-ei certamente.

– Caro colega, tocou-vos por sorte uma dura missão a desempenhar com os tempos que corre, observou o comunicante com uma entonação triste.

Respondi-lhe: – É verdade.

– E verificareis que não o será menos difícil no futuro, todavia estarei sempre convosco na igreja e no púlpito. E deveis informar disto os fiéis para que conheçam esta grande verdade. Informai-os de que continuo vivo aqui como eles estão vivos aí. A morte é só do corpo, não da alma.

A este respeito, devo salientar uma notabilíssima coincidência e é que algumas semanas após a conversa acima vieram a mim, uma após outra, várias pessoas de minha congregação para me informarem que, quando estou a pregar

um sermão no púlpito, percebem ao meu lado um vulto alto, robusto, vestido com uma longa batina preta.

Ora, eu ignorava tudo sobre o aspecto pessoal do Rev. Gerald Moss, mas, interrogando a respeito algumas pessoas que o tinham conhecido em vida, vim a saber que as informações prestadas por elas, como as idênticas fornecidas pelo *espírito-guia*, correspondiam exatamente ao seu aspecto pessoal. Noto que, entre elas, havia também um menino de oito anos, que me narrou o acontecido, presa de grande agitação (págs. 28/30).”

Finalmente, como complemento do exposto acima, resta-me acrescentar que, na página 43 do seu livro, o Rev. Duncan nos informa que, na busca por ele empreendida para verificar a particularidade fornecida pelo morto, segundo a qual este, antes de receber as ordens religiosas, fora preceptor na escola de Edimburgo por ele citada, particularidade absolutamente ignorada pelo consulente, pôde verificar serem exatas essas informações.

Este é o caso mais sugestivo, em meio a outros igualmente interessantes, acontecidos com o Rev. Duncan na sessão inicial da investigação empreendida e deve-se convir que ele foi feliz, porquanto lhe sucedeu logo um ótimo caso de identificação pessoal dificilmente acessível à hipercrítica adversária.

Por outro lado, o desenvolvimento das manifestações ocorridas serve para eliminar a hipótese de fraude, visto que os médiums não podiam conhecer os numerosos e íntimos informes pessoais fornecidos pelos espíritos comunicantes a título de identificação e a esse respeito não é o caso de adicionar coisa alguma.

Observo que, no caso exposto, além de uma informação totalmente ignorada pelo consultante, informação que foi em seguida verificada como verdadeira (o que serve para eliminar a hipótese de leitura do pensamento consciente e subconsciente), encontra-se ainda um incidente que serve para eliminar a hipótese de uma “mistificação subconsciente” e é o de dirigir o reverendo uma pergunta insidiosa destinada a fazê-lo trair-se, como

se tratasse de uma “personalidade sonambúlica”, mas, ao contrário, assim não aconteceu, e o comunicante retificou prontamente, com uma expressão de ressentimento, a tentativa do Rev. Duncan, demonstrando, com isto, de maneira efficacíssima, a própria identidade pessoal.

Um outro episódio, em tal sentido, é o do *espírito-guia* descrever o aspecto do defunto com particularidades reconhecidas como exatas, informações que ele não poderia ter apreendido na subconsciência do reverendo, que ignorava tudo a respeito. E tal notabilíssimo episódio se completa até tornar-se impressionante quando se verifica que a promessa formulada pelo defunto, de assistir o seu sucessor na igreja e no púlpito, é confirmada, de forma inesperada, pela circunstância de vários paroquianos perceberem, coletiva e sucessivamente, um espírito ao lado do seu vigário, espírito que descreveram em termos que concordavam com os fornecidos pelo *espírito-guia*, portanto todas essas descrições correspondiam à realidade.

Achamo-nos, portanto, diante de um conjunto intricado de provas e contraprovas convergentes todas para uma interpretação espiritual dos fatos e não sei, na verdade, que coisas poderiam objetar, a propósito, os propugnadores da palavra “mágica” subconsciente!

Relato ainda um caso de identificação espiritual que escolho pela sua brevidade:

“Andrew”, o *espírito-guia*, informou-o de que se achava presente um espírito com o nome de Dan e que o mesmo desejava vivamente falar com o Rev. Duncan.

Seguiu-se o diálogo abaixo:

“Eu não consigo estabelecer uma ligação entre tal nome e pessoas mortas que me fossem conhecidas, a não ser com um parente afastado, falecido numa das colônias, antes que eu nascesse.

– Não, não se trata desse Dan. Este outro Dan vós o conhecestes muito familiarmente em Edimburgo.

– Caro “Andrew”, desagrada-me ter de repetir que não me lembro de quem seja ele e, assim sendo, não falemos mais nisto. Poderá acontecer que mais tarde me lembre.

– É lamentável que penseis assim, pois se trata de um espírito ansioso por falar-vos. Ele afirma que o conhecestes muito bem e que se encontrava regularmente convosco.

– Estou bem contrariado com isto, mas não consigo recordar-me dele.

– Acrescenta que conhecestes também a esposa e o filho dele. Moravam perto de vós.

– É inútil, caro “Andrew”, mas não consigo recordar-me da pessoa dele. Talvez mais tarde me recorde.”

E com estas palavras teve fim o nosso diálogo, que deveria ter um interessante epílogo algum tempo depois.

Um amigo de Edimburgo me enviava, trimestralmente, os números atrasados do Boletim Paroquial e, em dezembro de 1929, recebi um pacote deles. Ao ler os boletins, caiu-me sob os olhos uma notícia que anunciava o falecimento de um velho amigo meu: William Dann, caixa do *Concílio das Igrejas Unidas*. Morrera no sábado, dia 14 de setembro de 1929. A sessão supracitada se realizara em Hamble, quinze dias depois. Eu estava bem longe de imaginar que ele tivesse falecido e ignorava mesmo que estivesse enfermo. Reportando-me ao que me fora dito na sessão para me despertar recordações, observo que tudo era verdade, inclusive a circunstância de que, cada quinzena, geralmente em um sábado à noite, nos reuníamos regularmente para conversarmos sobre as pesquisas psíquicas, assunto em que era muito competente. Nada mais certo, portanto, que, se depois da morte, lhe deparasse uma oportunidade de se manifestar, ele a teria acolhido com alegria. Assim sendo, convenci-me de que o fizera realmente naquela noite em Hamble. Infelizmente, o meu pensamento se fixara em um Dan, nome de batismo, e, como eu ignorasse que o meu amigo Dann tivesse morrido, na ocasião não conseguia atinar de quem se tratava. Posteriormente o meu amigo Dann se manifestou,

censurando-me pelo meu tardio reconhecimento de sua pessoa (*Ob. cit.* pág. 117).”

De um ponto de vista rigorosamente científico, poder-se-ia observar que o caso em si não se reveste de grande valor teórico, porquanto as numerosas informações apresentadas pelo comunicante, para fazer-se reconhecer pelo amigo, existiam todas na subconsciência deste último, mas, em compensação, nota-se a circunstância de o reverendo ignorar a morte recentíssima do amigo comunicante, o que equivale a admitir que ele foi, por processo mediúnico, informado de um detalhe que ignorava, do mesmo modo que as médiuns: o do falecimento do amigo.

O referido livro contém ainda alguns casos de identificação espírita, mas, para não me estender muito, passo a anotar outros aspectos interessantes das experiências espíritas do Rev. Duncan, informando, antes de tudo, que nesta série de experiências de *voz direta* estão intercalados fenômenos supranormais de todas as espécies: casos de clarividência no presente e no passado, correspondência cruzada, batidas mediúnicas, telecinesia, xenoglossia, perfumes espirituais e também curas imediatas de pequenas enfermidades dos presentes.

Relato a seguir um caso de *voz direta* ocorrido na sessão de 28 de maio de 1929, à qual assistia o Dr. Barker, eminente médico de Edimburgo. O *espírito-guia* “Andrew” dialogou assim com o médico:

“– Está presente aqui uma senhora que deseja falar ao seu médico.

– Terei bastante prazer em ouvi-la.

– Foi uma de vossas clientes e diz-me que conversou convosco sobre assuntos espíritas pouco antes de sua morte.

– Esta notícia muito me interessa.

– Assim é e ela vos agradece por tê-la orientado nessas pesquisas. Porventura lhe emprestastes alguns livros?

– Pode ser que tenha acontecido.

– Diz-me agora que, em outra manhã, experimentou manifestar-se visivelmente no vosso quarto.

– Que diz? (O Dr. Barker dá um pulo de surpresa).

– Diz que procurou aparecer-vos, encostada à parede, e está segura de que a vistes. É verdade isto?

– Eis uma comunicação surpreendente. É bem verdade que na manhã passada tive uma visão em que me pareceu reconhecer o espírito de uma cliente minha, falecida há pouco tempo, e a via precisamente encostada na parede. Tive cuidado em não dizê-lo para não passar por alucinação.

– Ela sorri. Está exultante de satisfação por saber que a vistes realmente. Diz que desapareceu penetrando através da parede.

– “Andrew”, diz-me agora o nome dela.

– Ela faz-me um S maiúsculo. Ó! Chama-se Sally!, Sally! Está há pouco tempo deste lado, mas fará o que puder. Vinde, podeis falar, irmã.

Faz-se ouvir uma voz feminina bastante distinta e algo forte para ser ouvida por todos, a qual se dirige ao médico chamando-o pelo nome Duncan! Duncan!

– Ó!, cara Sally. Sois vós mesma?

– Sim, caro Duncan. Disse que voltaria se a coisa fosse possível. Disse-o e o estou fazendo.

– Sim, o dissestes e o estais fazendo. Gratíssimo vos fico.

– Então me vistes mesmo?

– Sim, percebi-vos encostada na parede, mas não podia crer em mim mesmo e achei que se tratava de uma ilusão dos sentidos.

– Nada disto. Era eu mesma.

– O que esperáveis se realizou?

– Muito mais cedo do que eu esperava. Sou extraordinariamente feliz, mas não posso demorar-me... A força se enfraquece... Adeus, adeus!

Adeus, Sally. Deus vos abençoe.

Na ocasião, o Dr. Barker explicou que o acontecido se reduzia a uma prova de identificação extraordinária. “Sally”

fora uma cliente sua que padecia de um mal incurável. Em tal circunstância, para confortá-la, aconselhara-a a que lesse livros espiritualistas e fizera quanto possível para prepará-la para a grande passagem inevitável. Nos seus últimos dias de vida, ela prometera ao seu médico que, se fosse possível, voltaria, esforçando-se por se lhe mostrar sob forma visível. Ninguém, no mundo, além de nós dois, sabia da existência de nosso acordo, que fora mantido de modo impressionante.” (*Ob. cit.*, págs. 95 e 96).

Que pensar deste outro admirável episódio? Eis uma enferma que promete ao seu médico que, podendo, voltaria, fazendo-se ver, e mantém a palavra empenhada! Reconheço, entretanto, que se tudo consistisse nisto, os nossos adversários teriam podido objetar legitimamente, mas erroneamente, que o médico fora vítima de uma alucinação por efeito de uma “atenção expectante” e o médico o compreendera tão bem que se absteve de fazer saber que vira um espírito. Eis, porém, que o médico é convidado para assistir a uma sessão de *voz direta* e a primeira a se manifestar é justamente a sua cliente que fora comunicar-lhe que havia mantido o trato feito de aparecer-lhe no seu quarto, confirmando, de maneira definitiva, a autenticidade da visão percebida por ele. Nada, portanto, de “atenção expectante”, determinadora de visões alucinatórias.

Estes os fatos, dos quais decorre que a confirmação, inesperada e magnífica, da objetividade da visão ocorrida se transforma numa dupla prova de identificação espiritual: uma decorrente da demonstrada veracidade do espírito aparecido e a outra da não menos demonstrada identidade do mesmo que se manifestou pela *voz direta* para fazer-se anunciar ao seu médico.

Passando adiante, observo que também o fenômeno das curas rápidas de pequenas enfermidades, de que sofriam os experimentadores, se mostra interessante e incomum nas circunstâncias em que os acontecimentos se desenvolvem. Resolvo-me, portanto, a narrar um caso delas.

O Sr. Sidney Charters fora convidado para assistir a uma sessão do Rev. Duncan e, na véspera do dia marcado, caíra, ao jogar

golfe, lacerando seriamente as cartilagens de um joelho. Ainda assim, compareceu à sessão mancando e sentindo dores, e logo se ouviu a voz de “Andrew”, que, dirigindo-se a ele, lhe disse o seguinte:

“– Irmão, não estais muito bem. Sei de tudo: foi um acidente num jogo de bolas.

O Sr. Charters, sorrindo, respondeu-lhe:

– Tendes razão e as bolas desta vez me deram um forte tiro.

– Já sei. Sentis dores num dos joelhos.

– Exato. Faz-me muito mal. Poderíeis sugerir-me algum remédio?

– Vou satisfazer-vos. Esperai um momento. Vou procurar um espírito que foi médico na Terra.

Ouvi-se pouco depois uma surpreendente conversa entre dois espíritos, na qual intervinha algumas vezes “Andrew”. Este último, finalmente, anunciou que dois médicos estavam presentes, para depois acrescentar:

– Irmão, agora os médicos irão curar-vos.

– Muito obrigado, “Andrew”. Confio muito na vossa intervenção.

Logo depois ele soltou um grito agudíssimo de dor e todos perguntaram: “Que está acontecendo?”

O Sr. Charters observou: “Meu Deus! Que dor agudíssima! Parecia que me enterraram uma lâmina entre as juntas do joelho. “Andrew”, dissei-lhe para não fazer mais isto.

– Não vos alarmeis, irmão – respondeu ele –. O médico que vos feriu está sorrindo e diz que agora ficareis curado.

– Então folgo em sabê-lo e agradeço a todos vós.

E foi isto mesmo que aconteceu. Daquele momento em diante o meu amigo não sentiu mais dor alguma e, quando saiu da casa, desceu as escadas desembaraçadamente, sem capengar. Ficou radicalmente curado num instante e nada mais sentiu no joelho ferido, nem no dia seguinte, nem depois.” (*Ob. cit.*, págs. 84/85).

Não há o que dizer senão isto: as curas rápidas, de tal natureza, em que se trata de *feridas* e não de um mal-estar qualquer, são teoricamente interessantes porquanto se mostram inexplicáveis com as teorias da “auto-sugestão curadora” e da “fé que produz milagres”, como se afirma para as curas na cidade de Lourdes, na França, teorias legitimamente aplicáveis a numerosas enfermidades de origem nervosa ou ainda de outra natureza, mas que não parecem suficientes para explicar o caso em exame, em que se trata de uma laceração das cartilagens do joelho. Observo como também a particularidade do agudíssimo grito soltado pelo paciente, com a explicação que se seguiu de ter ele sentido como uma lâmina a se lhe enterrar no joelho, parece comprovar a intervenção de um operador invisível. Como explicar a cura havida? Nada sabemos, mas o fato é que o paciente ficou curado, num instante, de um ferimento, não insignificante, em delicada parte da perna.

Resta aludir à característica principal das experiências em questão, a qual consiste na freqüência com que os *espíritos-guia* revelam o futuro pessoal dos experimentadores sob a forma de minuciosos anúncios antecipados dos acontecimentos que lhe surgirão durante o ano. E trata-se sempre de acontecimentos comuns, não trágicos.

A importância da questão é tal que exigiria um longo desenvolvimento e lamento não poder fazê-lo. Limito-me, pois, a narrar um caso, a título de exemplo.

O Rev. Duncan, seguindo os conselhos dos *espíritos-guia*, que desejavam que ele passasse a morar em centros mais próprios à propaganda das novas idéias, pedira a sua demissão de Reitor da Igreja Episcopal de Santo André, em Edimburgo, e fora para Londres na esperança de poder obter um outro posto nas imediações, mas a oportunidade não se apresentava e a situação começava a tornar-se inquietante.

Durante uma sessão na residência das irmãs Moore, uma delas se dirigiu ao *espírito-guia* “Andrew” e com ele se estabeleceu o seguinte diálogo:

– “Andrew”, nós imploramos o vosso auxílio devido à situação em que se acha o Rev. Duncan. Já estamos ficando preocupados.

– Não vos preocupeis, irmã. Tudo acabará bem. (num timbre de voz como muito seguro de si).

– Assim esperamos, “Andrew”, mas somos criaturas humanas e não podemos evitar a nossa ansiedade.

– O irmão Duncan seguiu fielmente o nosso conselho.

– Sim, à letra, e agora se sente intranquilo quanto ao seu futuro.

– Não assegurei, porventura, que não permitiríamos que ele ficasse desocupado?

– Sim, é verdade.

– Pois bem, a coisa não é assim mesmo? Estaria ele talvez desiludido?

Aqui, o Rev. Duncan dá o seu aparte e esclarece: “Certamente que não. Desde o dia em que deixei a Escócia não tive um só domingo sem ocupações retribuídas. Dir-se-ia que todos se esforçam em auxiliar-me.”

“Andrew” e a Srta. Moore voltam ao seu diálogo.

– Não vos entristeçais, irmão. Nós vos ajudaremos sempre.

– Isto é um conforto, “Andrew”, mas não seria melhor obter para ele uma ocupação estável? Procurai consegui-lo, pediu a Srta. Moore.

– Está bem, irmã. Faremos o que pudermos.

Seguiu-se um período de silêncio e a mais jovem das irmãs, que possui o dom de clarividência, disse perceber “Andrew”, que conversava com uma entidade alta e morena. Depois “Andrew” se manifestou novamente anunciando que, no fim de três semanas, o Rev. Duncan estaria com uma ocupação estável. E assim continuou.

– Vejo um comprido envelope que lhe chega com uma proposta. Dentro há um papel escrito à máquina, que lhe é endereçado. No ângulo, ao alto, distingo um selo.

E segue-se o seguinte diálogo entre o Rev. Duncan e “Andrew”:

– Pelo que é descrito, lembra um documento oficial.

– Não. É uma oferta que vos será feita.

– A coisa está me interessando. Podeis descrever o local em que se acha o vicariato?

– É um vicariato simpático. Fica no alto de uma colina, em pleno campo.

– Suponho que poderíeis dizer-me também o nome da igreja.

– Experimentarei. Chama-se... Maria... Santa Maria Madalena.

– Estou tomando nota de tudo o que me dizeis. É bonita a igreja?

– Sim, bastante. Desejo que tome nota também do púlpito, que é pintado de verde com numerosos dourados e certas pinturas que se assemelham às dos vasos de louças.

– Este é um detalhe pouco comum e não me esquecerei certamente de observá-lo.

– Lembrai-vos de observar também os vitrais laterais e, na ocasião de vossa ida lá, achareis um vaso cheio de alvos lírios, apoiado bem defronte da figura pintada em um vitral.

– Ó, certamente que não me esquecerei.

– E que coisa mais podeis dizer-me sobre o vicariato? – perguntou a Sra. Duncan, intervindo na conversa.

– Bem, sei que as senhoras gostam de ficar bem instaladas. Pois bem, o vicariato é bonito, simpático, construído de pedras e tijolos vermelhos. Verificareis que nas paredes externas há cruzes pintadas por todas as partes.

– Lembrar-me-ei de tudo que me descreveis. Há jardins? – perguntou ela.

– Sim, sim. É quando entrardes pela porteira do jardim, percebereis uma árvore estranhamente torta, em torno da qual estão dispostos canteiros floridos.

– Nada mais de notável? – perguntou ainda ela.

– Sim, quando chegardes lá, encontrareis um homem que vos espera na porta. É um ministro anglicano, alto, magro, de rosto comprido e barbeado e de cabelos brancos. Observareis que ele tem os dedos das mãos muito compridos...

– Fica o vicariato situado ao norte ou ao sul? – perguntou, por sua vez, o Rev. Duncan.

– É situado ao sul e fica bem longe daqui.

– Caro “Andrew”, fica, pois, entendido que o Rev. Duncan obterá breve uma ocupação estável. Podemos levar em consideração as vossas palavras? – perguntou, por sua vez, a Srta. Moore, intervindo na conversa.

– Sem dúvida alguma, irmã. Ele confiou em nós e nós nunca permitiremos que possa arrepender-se. Não posso permanecer por mais tempo... A força diminui. Boa-noite, irmão. Boa-noite, irmãs. Deus vos abençoe.”

O Rev. Duncan teceu a propósito os seguintes comentários:

“Foi esta uma das sessões mais estupefacientes e probantes por mim obtidas até hoje. Todas as predições que me foram feitas se realizaram totalmente. No fim das três semanas indicadas, chegou-me um comprido envelope contendo um papel datilografado em que me era oferecido um vicariato vago. Trazia, num dos ângulos, ao alto, o selo do “Colégio Eclesiástico” e tinha a aparência de um documento oficial. A igreja, que me foi oferecida, era consagrada à Santa Maria Madalena e, para atingi-la, era preciso subir a encosta de uma colina. O púlpito era mesmo pintado de verde, com numerosos dourados, e sobre os três lados do mesmo se notavam três grandes escudos com armas gentílicas, que “Andrew” comparara às pinturas existentes nos vasos de louça. O vicariato era construído em tijolos vermelhos e pedras silicadas e nas paredes externas haviam cruces mais ou menos espalhadas. Quando fomos visitar o vicariato, imaginávamos que não se realizaria a predição relativa ao vaso dos lírios e isto porque era ocasião da quaresma, perí-

odo durante o qual são retiradas as flores das igrejas, mas assim não aconteceu. Verificamos que nos vitrais estavam pintadas imagens de Nossa Senhora e do menino Jesus e que diante das mesmas havia um vaso cheio de lírios. Chegados ao vicariato, achamos o Reitor no limiar da porta a esperar-nos e era mesmo um homem alto, magro, barbeado e de cabelos brancos. Não reparei nas suas mãos, mas a minha esposa não o esqueceu, notando que tinha dedos muito compridos. Enfim, no jardim próximo ao portão de entrada, encontramos a tal árvore curiosamente torta de que falara a predição, circundada de canteiros floridos como descritos.” (*Ob. cit.*, págs. 110/115).

O caso exposto apresenta-se teoricamente muito importante sob diversos pontos de vista e comportaria mesmo um longo comentário, porém deverei limitar-me às características que lhe são peculiares.

Observo a propósito que, neste mesmo caso, como em outros contidos no livro, nota-se a circunstância interessante de que os *espíritos-guia*, enquanto prenunciam, minuciosamente, acontecimentos comuns que deveriam suceder aos experimentadores, declaram, explicitamente ou fazem compreender veladamente, que os acontecimentos vaticinados se realizarão por sua intervenção direta sob a forma de sugestões apropriadas aos diversos protagonistas da situação vaticinada. Tal circunstância, que já fiz notar no meu trabalho sobre os fenômenos premonitórios, é altamente sugestiva, porquanto poderia servir para explicar uma parte dos fenômenos precognitivos, mas é preciso não imaginar que ela sirva para explicá-los todos.

Nota-se, além disso, que, no caso exposto, se combinam a clarividência no futuro com a mesma no presente, visto que os estupendos informes dados sobre o vicariato destinado ao Rev. Duncan pressupõem que a entidade comunicante tenha ido ao local dele ou tenha tido, de qualquer forma, a visão, à distância, de cada detalhe em particular.

Quanto ao incidente do vigário demissionário, que os recebeu na porta dele, conforme foi predito, faz supor que se trata, evi-

dentemente, de um fenômeno que se classificaria na ordem dos supracitados, em que a entidade comunicante obtém a realização do próprio vaticínio sugestionando, no sentido apropriado, os protagonistas do caso.

Neste ponto, apresenta-se uma interrogação formidável. Como classificar as personalidades mediúnicas capazes de sugestionar os diversos protagonistas de sua situação vaticinada de modo tão eficaz a ponto de fazê-los agir como autômatos submetidos à sua vontade? Personalidades sonambúlicas ou personalidades espirituais? Nenhuma dúvida padece de que a primeira solução da questão se mostra inverossímil até o absurdo. Seria lógico, talvez, presumir que, nas subconsciências das irmãs Moore, existam faculdades capazes de submeter, à sua vontade, qualquer pessoa viva? Quer dizer, até pessoas que lhes são inteiramente desconhecidas? Este último detalhe, se fosse verdadeiro, estaria em completa contradição com a férrea lei da *relação psíquica* indispensável a qualquer forma de comunicações supranormais entre duas mentes, lei que não comporta exceções no domínio das pesquisas psíquicas, como não comporta exceções no domínio da química, da eletrotécnica, tomando, respectivamente, os nomes de “lei da afinidade”, de “sintonização” entre os diversos comprimentos da “onda”. Decorre, daí, que a segunda solução da questão se apresenta como a única racionalmente e cientificamente aceitável, visto que não pode existir uma terceira.

*

Termino aqui com as citações, embora outras séries de fenômenos teoricamente interessantes existam, os quais exigiriam adequados comentários, que serão provavelmente feitos em outro trabalho meu.

Do ponto de vista filosófico-religioso, o livro do Rev. Duncan vem colocar-se ao lado de outros igualmente importantes publicados na Inglaterra por ministros da Igreja Anglicana, o que demonstra que o clero reformado começa a penetrar resolutamente no terreno das investigações supranormais, experimentando, publicando livros e aderindo à interpretação espiritual dos

fatos.⁶ Não só isto, mas houve dois pastores anglicanos, um dos quais é o próprio Rev. Duncan e o outro o Rev. Mac Clean, que desenvolveram do púlpito todo um programa de sermões destinados a mostrar aos seus fiéis a importância providencial das pesquisas psíquicas, porquanto elas contribuem evidentemente para reforçar a vacilante fé cristã do século em que vivemos, século muito cientificamente avançado para que a humanidade pensante possa adaptar-se a crer fora do obsoleto “critério de autoridade”.

A propósito de sua própria pregação, observa o Rev. Duncan:

“O fato é que os meus sermões sobre a importância das pesquisas psíquicas na atual crise religiosa, sermões por mim proferidos na igreja de Santo André, em Edimburgo, e todos publicados todas as semanas pelo *Edinburgh Evening Despatch*, que é o jornal mais lido na Escócia, produziu uma enorme impressão na massa popular e eu recebi uma porção de cartas de encorajamento, de agradecimento, de bênção e também várias cartas de conteúdo violento e ameaçador. Mas, afinal de contas, o coeficiente de correspondência foi para mim uma revelação, pois que serviu para demonstrar-me quanto se acha difundido no meio dos melhores cristãos, bem como no meio dos que não praticam o culto, o desejo supremo de obterem provas tangíveis de que os seus entes queridos sobreviveram à morte do corpo físico. Demonstrou-me, sobretudo, que, na maioria deles, este ardente desejo se transformara em tormentosa necessidade... Pois bem, baseado na minha experiência pessoal, afirmo que as pesquisas psíquicas são as únicas que podem fornecer-lhes o conjunto de fatos destinados a satisfazer as suas prementes necessidades espirituais. E esta é a “razão de ser” do presente livro.” (Idem, págs. 83/84).

E o Rev. Duncan tem plena razão: o seu livro, repleto de fatos variadíssimos, sugestivos, convincentes, no sentido da demonstração da existência e sobrevivência do espírito humano, livro este publicado por sentimento de dever, depois de escrito com escrupulosa precisão e concebido com grande sinceridade de propósitos, encherá de supremo conforto as almas atormentadas

pela dúvida filosófica e as feridas sob os golpes inexoráveis da
foice da morte.

– 0 –

Joy Snell e a Missão dos Anjos

Há vários foi publicada, na Inglaterra, uma bela obra sobre assuntos espirituais, que já em 1924 havia alcançado a sua quinquagésima edição. Trata-se de *The Ministry of Angels*,⁷ cuja autora, a Sra. Joy Snell, expõe, de forma simples, franca e despretensiosa, suas multiformes experiências de clarividência do tipo da vidente de Prevorst. Sua apresentação ao público foi feita pelo Rev. Arthur Chambers, em curto mas precioso prefácio.

Trata-se, de fato, de um livro digno de toda consideração: primeiro, porque contém o relato sincero de experiências subjetivas que realmente ocorreram à pessoa que as expõe; segundo, porque essas experiências, do ponto de vista teórico, são parcialmente interessantes e, de outra parte, algo surpreendentes, de modo a tornar desejável um exame profundo do assunto com o fim de assegurar, nos casos duvidosos, se se trata de episódios de vidência autêntica, de vidência simbólico-verídica, de vidência auto-sugestivo-alucinatória ou, ainda, se se trata, antes, de uma mistura das três formas em questão.

Começarei pelos fatos de vidência bem autêntica para passar, em seguida, à discussão sumária dos casos de vidência teoricamente duvidosos.

Sua autora, a Sra. Joy Snell, órfã de mãe desde a mais tenra idade, cresceu no meio de abundância e se revelou vidente já aos 12 anos de idade. Ela atingira apenas a idade dos 20 anos quando teve a visão premonitória da morte iminente de seu adorado pai, acontecimento que se realizou exatamente como ela o havia visualizado. Com o falecimento do seu genitor, o infortúnio abateu-se sobre a sua pessoa, pois não tardaram a compreender que o defunto confiara os seus interesses a pessoas indignas que o haviam enganado, de modo que a pobre órfã e o seu irmão se acharam subitamente reduzidos à mais completa indigência. O irmão partiu para a África, a fim de ganhar a vida para si próprio e para a sua irmã, porém o navio que o levava naufragou e o moço pereceu com os demais passageiros. Ficando só no mundo, a infeliz Joy foi acolhida por um tio que, não conseguindo tirá-la

da prostração moral em que caíra, com perigo de morte, tentou distraí-la, entregando-a aos cuidados de sua irmã, diretora de um sanatório. Assim fazendo, ela esperava que a pobre sobrinha talvez encontrasse alguma distração na prática do bem a tantas outras infelizes, do que lhe adviria proveito tanto do ponto de vista moral como do físico. Foi isso que efetivamente aconteceu e Joy Snell obteve o seu diploma de enfermeira, consagrando-se, com amor, à sua nova missão de caridade.

Ora, foi exatamente devido à sua profissão de enfermeira que os seus casos de vidência se revestem de grande valor teórico. De fato, não tardou ela a verificar grande número de casos de “desdobramento fluídico”, que se apresentavam à sua visão supranormal, no leito de moribundos, assim como numerosos casos de “aparições de defuntos no leito de morte” ou “aparições de fantasmas”, com caráter premonitório (por vezes de morte e outras vezes de cura), para os enfermos em cuja cabeceira eles se manifestavam.

Os fenômenos de “desdobramento fluídico” no leito de moribundos não eram, todavia, novos para a vidente, que, ainda bem criança, assistira a um deles no leito mortuário de uma sua amiga. Passo a narrar esse caso que apresenta um interesse especial por ter sido o primeiro do gênero que a vidente pôde constatar e que foi precedido pela visão do fantasma da jovem que ia morrer, fantasma que anunciou à sua amiga a iminência do seu falecimento. Escreve a vidente:

“Certa noite, despertei, sobressaltada, de profundo sono, encontrando iluminado o meu quarto, apesar de estarem apagadas todas as luzes. Percebi, ao meu lado, o fantasma de minha cara amiga Maggie, que me disse: “Quero confiar-lhe um segredo. Sei que dentro de alguns dias deverei ir para o mundo espiritual. Desejo que fique junto de mim até o meu último momento e que console minha mãe depois de minha partida.

Antes de estar suficientemente refeita do susto e da surpresa experimentados à vista do fantasma, vi este desaparecer e, pouco a pouco, extinguir-se a claridade.

Uma semana após fui chamada pela família de minha amiga. Encontrei Maggie sofrendo de um resfriado acompanhado de febre, todavia as suas condições gerais não inspiravam preocupações e a própria enferma estava bem longe de experimentar pressentimento de morte. Era evidente que ela não tinha a menor lembrança da visita que me fizera em espírito. É esse um mistério que não consigo explicar-me, tanto mais que, durante a minha vida, tive numerosas experiências de aparições de vivos que me dirigiram a palavra e com as quais por minha vez falei, verificando sempre que elas não guardavam recordação alguma de se terem comunicado comigo...

Encontrava-me, pois, junto de Maggie, há uns três ou quatro dias, quando, certa noite, foi ela assaltada por terrível e súbita crise e faleceu nos meus braços antes que o médico tivesse tempo de acudir ao chamado feito. Foi esse o primeiro caso de morte a que assisti. Logo que o coração de Maggie deixou de bater, vi distintamente algo semelhante ao vapor, que se desprende de uma chaleira em ebulição, elevar-se do seu corpo físico, pairar a alguma distância dele e condensar-se em forma idêntica à de minha amiga. Essa forma, muito vaga a princípio, tomou gradualmente contorno mais definido até tornar-se perfeitamente distinta. Ela estava envolta numa espécie de véu branco, de reflexos aljofrados, sob o qual apareciam claramente as formas. O rosto era o de minha amiga, mas glorificado e sem qualquer traço dos espasmos que o haviam contraído na agonia.

Mais tarde, quando me tornei enfermeira, vocação na qual perseverei por vinte anos, tive oportunidades de assistir a numerosos casos de morte e, logo após o falecimento, constantemente eu observava essa condensação da forma etérica acima do corpo físico, forma sempre idêntica àquela donde se destacava e que, uma vez condensada, desaparecia de minha vista.”

Os dois episódios contidos na experiência que acabamos de relatar são igualmente interessantes e sugestivos. A autenticidade supranormal do fenômeno de auto-premonição de morte ficou

provado pela sua realização em curto prazo, embora continuemos a encontrar-nos diante do mistério de um *Eu* subconsciente que conheceu, antecipadamente, a data do seu falecimento, mesmo quando o mal, que deveria levar o corpo ao túmulo, era de natureza accidental. Mistério grande e perturbador, mas incontestável. Inútil ir mais longe, no momento.

Quanto à autenticidade supranormal do outro incidente, o do “desdobramento fluídico no leito de morte”, está ela demonstrada pela existência de numerosos casos análogos visualizados por sensitivos pertencentes a todos os povos do mundo terreno, inclusive os selvagens, com esta circunstância eloqüente de que os sensitivos, ainda que desconheçam as experiências de outras pessoas e também a existência mesma dos fenômenos, fazem todos a sua descrição com os mesmos detalhes, o que demonstra, incontestavelmente, que eles expõem algo de real e de objetivo. Por outro lado, é conveniente notar que já se conseguiu fotografar o fenômeno em questão.

Outra consideração, teoricamente muito importante, é a de não poderem ser explicados os casos de “desdobramento fluídico no leito de morte” pela “projeção objetiva do pensamento”. Sabe-se que, a propósito da “fotografia transcendental”, em que ficam gravados os fantasmas dos defuntos identificados nas chapas fotográficas, os nossos contraditores fazem observar que, como tudo contribui para provar que um pensamento é uma forma *sui generis* de dinamismo psíquico, suscetível de ser projetado à distância, numa forma objetiva, ainda que invisível, segue-se que as supostas fotografias espíritas nada mais são realmente que “fotografias do pensamento”. Esta objeção parece, até certo ponto, legítima, pois que o fenômeno da “fotografia do pensamento” é um fato real, ainda que obedeça a leis que o circunscrevem em estreitos limites e que, conseqüentemente, seja pouco aplicável às condições em que se produzem as “fotografias espíritas”.

Como quer que seja, não é menos verdade que, na ocorrência dos fenômenos de “desdobramento fluídico no leito de morte”, esta hipótese é insustentável, visto que os moribundos não podem cuidar de concentrar seu pensamento sobre a idéia de sua

forma corporal e, em conseqüência, não podem projetar, à distância, formas de pensamentos dessa natureza, tanto mais que, na maioria dos casos, o fenômeno de desdobramento começa após o *falecimento do enfermo*.

Resulta daí que, não existindo uma hipótese naturalista para explicar os fenômenos de “desdobramento fluídico no leito de morte”, somos necessariamente levados a concluir que eles representam o grande fato da separação do “corpo etérico” (que é o envoltório do espírito) do seu “corpo somático”. E como acontece que, em tais circunstâncias, o “corpo etérico” gradualmente se integra nessa vida e que não menos gradualmente abandona o “corpo somático”, isto equivale chegar à solução experimental, no sentido afirmativo, do grande enigma da existência e sobrevivência da alma.

A este respeito convém recordar a famosa resposta dada pela personalidade mediúnica de “George Pelham” ao Dr. Hodgson por intermédio da Sra. Piper:

“Eu não acreditava na sobrevivência, o que ultrapassava o meu entendimento. Hoje me pergunto como pude duvidar... Nós temos um *fac-símile* de nosso corpo físico, que persiste após a dissolução deste último.”

Eis uma resposta admirável pela simplicidade com a qual ela resolve o grande problema da sobrevivência, ao passo que a afirmativa que ela contém pode ser mesmo demonstrada experimentalmente graças aos fenômenos de “desdobramento fluídico no leito de morte” já estudados. Volto, a propósito, a insistir no fato de que, como não há hipóteses naturalistas a serem opostas às considerações que acabo de expor, estas são de natureza literalmente decisiva. Resulta daí que *quando a autenticidade dos fenômenos em questão estiver definitivamente reconhecida pela ciência oficial (o que forçosamente acontecerá, visto que fatos são fatos), nesse dia a existência e sobrevivência da alma estarão cientificamente demonstradas*.

Em apoio destas conclusões, cumpre-me assinalar o outro fato concomitante dos sensitivos-videntes que muitas vezes observam, simultaneamente, o fenômeno do afastamento do “corpo

etérico” do “corpo somático”, no momento da morte, e o outro fenômeno complementar da interferência de “fantasmas de defuntos” no leito de moribundos, fantasmas esses absolutamente idênticos ao que está se condensando graças aos processos do “desdobramento fluídico”, fato que constitui outra confirmação admirável das conclusões às quais chegamos, visto que permite constatar a identidade perfeita de natureza entre o “corpo etérico” dos defuntos e o “corpo etérico” dos moribundos.

A Sra. Joy Snell narrou diversos casos do gênero, mas como já reproduzi, em outros trabalhos meus, os melhores deles, limito-me a narrar aqui um ainda não referido. Escreve ela:

“Um dos meus amigos teve uma congestão pulmonar e foi internado num hospital em que faleceu pouco depois. Era um excelente homem e muito religioso, de forma que a morte não lhe causava medo. Sua esposa, também muito religiosa, permaneceu constantemente à cabeceira de seu leito, resignadamente esperando o desenlace fatal. Coisa de uma hora antes de falecer, o enfermo se dirigiu à esposa e, com o dedo, apontando para o alto, lhe disse: “Olha, olha. Bennie está lá. Ele me veio buscar. Agora ele me estende as suas mãozinhas e sorri. Você o está vendo?”, ao que ela respondeu: “Não, querido, não o estou vendo, mas sei que ele deve estar lá, pois você o está vendo.”

Bennie era o único filho do casal e falecera pouco antes, aos seis anos de idade. Também eu lhe percebia nitidamente a forma. Era um anjinho encantador, de cabelos anelados, olhos azuis e envolto numa túnica branca. Era uma formosa criança normal, mas glorificada, etérea, radiante, como igual não existe no mundo terreno... Pouco depois o pai foi vencido por um sono calmo, no qual ficou imerso durante uma hora. Durante todo esse tempo, o pequeno anjo permaneceu sempre junto do pai moribundo, com o rosto radiante de alegria pela reunião iminente. De vez em quando ele lançava afetuoso olhar para a sua mãe, que nada via. A respiração do moribundo não tardou a tornar-se penosa, fraca, e finalmente se extinguiu. Nesse instante percebi o fenômeno habitual que tão familiar me era: o da formação do “cor-

po etérico” acima do “corpo físico” inanimado. Quando a forma se tornou completa e animada, o anjinho tomou a mão do pai, que, por sua vez, se transformou também em anjo e vi os dois se mirarem amorosamente e um sorrir para o outro com a expressão do mais puro afeto e da mais viva felicidade. Em seguida, elevaram-se e desapareceram aos meus olhos. Eis, verdadeiramente, um glorioso espetáculo. Graças a ele, a morte, que é por todos encarada com pavor e como o mais terrível dos mistérios, se apresenta, ao contrário, bela e benfazeja, como a maior reveladora do Amor Infinito que o Pai Eterno mostra às suas criaturas.

Depois de ter deixado o hospital, em que servia como enfermeira, para me consagrar à assistência de doentes particulares, nunca vi morrer um só de meus enfermos sem que percebesse, à cabeceira de seu leito, uma ou mais formas angélicas a acorrerem para receber o espírito a fim de conduzi-lo à nova morada nas Esferas...”

Como já narrei nos casos análogos aos que acabo de citar, assistimos ao fato, teoricamente muito importante, das duas formas complementares de um mesmo fenômeno transcendental, que se combinam no mesmo caso. Isto significa que assistimos à exteriorização do fluido vital com a formação do “corpo etérico” no momento da morte e, ao mesmo tempo, a presença de espíritos na cabeceira dos que estão morrendo, com o propósito evidente de assisti-los no seu ingresso nas Esferas espirituais.

Realmente não conheço melhores provas que se possam oferecer para demonstrar a existência e a sobrevivência do espírito humano. Aqueles que leram as minhas monografias sobre as *Aparições de defuntos no leito de morte* e sobre os *Fenômenos de bilocação* sabem que as duas formas de manifestações em questão se realizam com relativa freqüência e que a sua natureza intrínseca já foi rigorosamente examinada, de maneira que se pode considerar a sua existência objetiva como experimentalmente demonstrada. Lógico é que isto deveria bastar para cientificamente legitimar a hipótese espírita, mas não devemos esperar que tal aconteça, porque as experiências dos séculos mostram

quão tenazes são as idéias preconcebidas contra as quais só uma coisa é realmente eficaz: a obra do tempo!

Vou agora examinar as outras diversas formas de vidência que apresentava a mesma *sensitiva*. Tratarei, primeiramente, de uma espécie de visões simbólico-premonitórias em relação com enfermos que se achavam em estado grave. Quando a *sensitiva* se aproximava da cabeceira deles, ela percebia, junto de sua cama, uma “forma angélica” (nome que a Sra. Snell dava a essas aparições) que parecia velada, vestida de preto, quando o doente devia morrer, e sorridente, vestida de branco, o braço levantado e o dedo indicador apontando para o alto, quando o enfermo devia restabelecer-se. Essas visões simbólicas, cujo prognóstico era infalível, apresentavam uma utilidade prática, pois a vidente não tardou a adquirir grande reputação de habilidade profissional junto às outras enfermeiras e médicos que freqüentemente a consultavam sobre o assunto.

No momento, não é possível fazer-se um juízo justo a respeito da natureza intrínseca dessas aparições. Se a *sensitiva* não tivesse tido outras visões espirituais além das simbólicas, então a “hipótese mais cômoda”, capaz de explicá-las, seria a de supor a existência, na *sensitiva*, de faculdades precognitivas subconscientes, cujas revelações seriam transmitidas à sua consciência normal por meio de projeções de imagens alucinatórias de natureza simbólica. Vimos, porém, que a *sensitiva* era favorecida com outras visões autenticamente extrínsecas, que consistiam em “aparições de defuntos no leito de morte” e fenômenos de “desdobramento fluídico”, visões às quais não se pode aplicar a interpretação em apreço. Seria mais racional, pois, supor que as formas espirituais, de natureza simbólica, seriam, por sua vez, de natureza extrínseca. De qualquer modo, não é possível um pronunciamento a esse respeito, tendo cada qual a liberdade de inclinar-se para uma ou outra dessas interpretações, segundo as suas convicções pessoais de ordem geral.

Outra forma curiosa de aparições, com a qual se havia familiarizado a *sensitiva*, consistia na visualização de um fantasma feminino que ela via percorrer as filas das camas do hospital, aproximar-se dos enfermos que se contorciam em grandes sofri-

mentos e pousar a mão sobre as suas frentes. Esta ação não curava os enfermos, mas aliviava ou suprimia os seus sofrimentos e produzia o sono que dele necessitavam. Escreve a Sra. Snell:

“Minha gratidão para com esse anjo era sempre grande, mas eu, acima de tudo, o abençoava nas noites em que me achava de plantão e sozinha nos quartos do hospital. Eu o via passar, como a flutuar, de um enfermo a outro, e impor as mãos sobre a fronte dos sofredores, fato este que me confortava, porque eu sabia, por experiência, que os doentes, favorecidos por essa visita, breve se achavam livres de todos os sofrimentos, mesmo ignorando a causa que determinava o seu bem-estar inesperado. Muitos pacientes me diziam, quando acordavam: “Como me sinto bem esta manhã! Passei por um sono prolongado.” Muitas vezes vi esse anjo impor as mãos sobre a testa de enfermos que, ao experimentarem vivas dores, gemiam e gritavam lastimosamente. Logo desapareciam todos os sofrimentos e eles caíam num sono profundo e calmo, do qual despertavam cheios de novo vigor. Às vezes, quando o anjo visitava um doente, eu, por minha vez, me acercava e verificava que as suas pulsações se haviam tornado regulares e que a temperatura voltava logo à normalidade.”

Que dedução teórica podemos tirar deste relato? Sem dúvida a de que se o anjo, quando impunha as suas mãos sobre a fronte dos enfermos, determinava a cessação imediata dos seus sofrimentos, mergulhando-os em profundo sono, regularizava as pulsações cardíacas ou reduzia quase ao normal uma temperatura febril, sem dúvida alguma, se isso se produzia, logicamente devemos concluir que esse anjo não podia consistir numa projeção alucinatória, mas, ao contrário, devia ser uma entidade positivamente extrínseca ou espiritual.

Tratarei, finalmente, de um grupo de casos nos quais a vidente ter-se-ia transportado, espiritualmente, às Esferas transcendentais mais próximas do nosso mundo, inclusive às Esferas de provações. Concebe-se que, do ponto de vista científico, esses casos, por sua natureza incontrolável, não apresentam nenhum

valor teórico, levando-se, porém, em consideração a descrição das Esferas mais próximas ao nosso mundo ou mais exatamente as Esferas que recebem os espíritos que apenas acabam de chegar lá, as quais constituem uma reprodução espiritualizada do meio e da existência na Terra, o que se produziria a título de transição necessária entre o mundo da matéria e o mundo do espírito. Em outros termos, as condições de existência nessas Esferas seriam ao mesmo tempo reais e efêmeras, visto ser o meio em questão determinado pela “projeção do pensamento” de entidades superiores para esse fim designadas, enquanto que certa parte dependeria da “projeção do pensamento” dos espíritos que irão ali permanecer por tempo indeterminado. Tratar-se-ia, em última análise, de uma “ideoplastia” espiritual em regra, absolutamente igual à que se produz, em nosso mundo, sob a forma de “fotografia do pensamento” e do “pensamento organizador”, no início dos fenômenos de materialização.

Não obstante pareçam, à primeira vista, estranhas essas revelações sobre o meio ambiente espiritual, devo, em seu favor, acentuar um detalhe certamente interessante: é que, se aplicarmos os processos da análise comparada aos numerosos casos desta espécie, como se produzem e sempre produziram entre todos os povos, verificamos, com surpresa, que todos os videntes que passaram por experiências desta natureza, assim como todos os médiuns que psicografaram revelações idênticas, afirmaram e constantemente afirmam as mesmas coisas. Para citar somente os exemplos mais notáveis,⁸ recordarei as experiências do famoso vidente norte-americano Andrew Jackson Davis, lembrarei a obra não menos famosa do Juiz Edmonds intitulada *Spiritualism* e constituída quase inteiramente de visualizações análogas tidas pelo próprio autor, recordarei as visões do Rev. William Stainton Moses e da Sra. Elisabeth d'Espérance, os ditados mediúnicos obtidos pelo jornalista William Thomas Stead e o Rev. George Vale Owen.

Ora, se considerarmos que as idéias dos povos civilizados sobre o Paraíso e o Inferno, idéias enraizadas desde a infância nas mentes de diferentes pessoas, são diametralmente opostas à semelhante concepção da existência espiritual, se tudo isto for

considerado, logicamente se é levado a reconhecer que a explicação alucinatória para esses casos é insustentável ante o exame dos fatos, visto que esta interpretação absolutamente não explica como tantos *sensitivos* tenham sido auto-sugestionados em sentido diametralmente contrário às suas convicções tradicionais a esse respeito. Igualmente não se chegaria a explicar o fato de todos os *sensitivos* descreverem o mesmo ambiente espiritual, mesmo em seus mais bizarros e inesperados detalhes, quando a maior parte deles (e este é o caso da Sra. Joy Snell) ignoravam completamente as experiências de outros videntes sobre o mesmo assunto, isto é, ignoravam o que alguns haviam visto no ambiente espiritual.

Resulta daí que, se os casos em questão continuam a ser um enigma insolúvel para todas as outras teorias, na verdade os partidários da hipótese alucinatória se encontram numa posição ainda mais embaraçosa e não os defensores da hipótese espírita. Com efeito, a circunstância de não se poder recorrer à hipótese da sugestão para explicar a uniformidade de tão grande número de “revelações” faz pender o prato da balança a favor da autenticidade transcendental dos casos em exame, o que não exclui, entretanto, a possibilidade de, por vezes, se introduzirem neles elementos simbólicos, oníricos e auto-sugestivos.

Como quer que seja, dada a natureza aparentemente incontrollável de tais casos e, portanto, a impossibilidade de submetê-los aos métodos da investigação científica, só nos resta adotar um sistema de controle indireto, isto é, analisar e comparar entre si as tão numerosas revelações dessa espécie. Ao mesmo tempo, preciso é considerar as explicações que a esse respeito fornecem as personalidades mediúnicas, explicações que, se não apresentam valor científico, nem por isto deixam de ser muito lógicas para parecerem plausíveis perante o controle da razão, o que já é muito, visto que assim se obtém o importante resultado de despojar as revelações de todas as aparências absurdas, ao mesmo tempo que essas explicações se transformam numa base de orientação para a posterior investigação de provas indiretas a favor de sua autenticidade transcendental. Creio, pois, seja útil relatar alguns esclarecimentos, relativamente recentes, sobre o

assunto, esclarecimentos esses obtidos mediunicamente. Eles têm o mérito de não terem sido dados a pedido e sim fornecidos espontaneamente, pouco antes, por espíritos desencarnados.

As comunicações que se seguem apareceram na revista espírita inglesa *Light*, de 3 de maio de 1924, foram obtidas com médiuns não profissionais e as personalidades comunicantes foram um jovem soldado e dois oficiais ingleses, mortos em combate, na frente francesa. Os extratos que vamos reproduzir são devidos a um jovem soldado voluntário que tombou, na citada frente, no primeiro ano da guerra. As sessões nas quais ele se comunicava foram realizadas durante os meses de maio e junho de 1918, quando a guerra ainda continuava. O comunicante havia fornecido excelentes provas de identidade pessoal e afirmava estar investido, naquele momento, da missão de assistir os soldados que tombavam nos campos de batalha. Pediram-lhe informações a respeito dos mortos na guerra e eis o que ele respondeu:

“Eles chegam ao mundo espiritual com os sentimentos que experimentavam no momento da morte. Alguns há que ainda acreditam que estão combatendo e então precisamos acalmá-los. Outros já pensam que enlouqueceram devido ao ambiente que subitamente se transformou ao seu redor. Isto não deve surpreender-nos, porque bem podeis imaginar o terrível estado de tensão de espírito, bem próximo da loucura, que produzem as batalhas. Outros há que supõem estar gravemente feridos, sem que o tivessem percebido, e é o que efetivamente lhes aconteceu, com a diferença que se julgam transportados para um hospital de campanha e pedem esclarecimentos sobre o seu estado. Em primeiro lugar, procuramos distraí-los, gracejando, e só lhes fazemos compreender pouco a pouco a verdadeira significação desse hospital em que se encontram. Alguns acolhem a notícia de sua morte com verdadeira alegria e são estes os que, na horrorosa vida das trincheiras, ultrapassaram os limites que uma fibra humana poderia suportar. Já o mesmo não sucede com outros que deixaram no mundo terreno entes queridos, casos em que os levamos gradualmente ao conhecimento do seu estado real, empregando muito tato e delicadeza. Outros

se acham tão fatigados, tão exaustos de uma luta horrível, que não lhes resta energia suficiente para algo deplorar e não tardam a entrar no “sono reparador”.

Enfim, alguns previram o fim iminente ao perceberem o obus que descia do alto e esperam o desfecho pela sua explosão inevitável. Entre estes, muitos há que caem no “sono” logo após o seu trespasse e isto porque a sua concepção de morte era o aniquilamento total, de modo que o período do “sono” combina com a sua convicção a respeito. Eles não necessitam de explicação ou auxílio até o fim de seu período de repouso, que, por vezes, se prolonga durante muito tempo nos casos em que as suas convicções relativamente à existência da alma estavam profundamente enraizadas...

As coisas mudam quando então eles despertam. É um estado difícil de explicar, mas farei o melhor para expor, tanto quanto me for possível, por este imperfeito meio de comunicação, quais foram as minhas impressões ao despertar. Eu tinha pleno conhecimento de estar vivo, isto é, que em mim já não havia a incerteza pela qual se tem a ilusão de ainda fazer parte deste mundo e de sonhar. Compreendeis o que quero dizer?

– Sim, perfeitamente.

– Depois de despertar, pelo contrário, sabe-se, compreende-se. Já não se tem mais a impressão de sonhar. Os espíritos muito atrasados, que continuam apegados à Terra, não têm o benefício do “sono reparador”; continuam na ilusão de se serem vivos e estarem sujeitos a sonhos fantásticos. Lembrai-vos, pois, de que os espíritos ligados à Terra, isto é, principalmente os espíritos orgulhosos, são os que permanentemente vivem em tal ilusão.

O primeiro sentimento que experimentamos com a plena consciência do que já somos e do lugar em que nos encontramos, isto é, que já somos espíritos que sobreviveram à morte do corpo e que nos achamos em outro plano de existência, é quando nos assalta enorme curiosidade aliada a um

vivo desejo de explorar o nosso novo meio de existência, de conhecer mais ainda. Logo verificamos que existem “coisas” ao nosso redor e esta é a primeira observação que nos enche de surpresa, tanto mais que essas “coisas” parecem ter a mesma natureza das que havíamos conhecido na Terra, ainda que apresentem certa diferença, que escapa, porém, à nossa compreensão. Elas são reais, bem reais, bem o vemos, e, contudo, temos a intuição de que elas são temporárias e que não pertencem ao estado espiritual que se segue ao despertar. Em seguida, não tardamos a descobrir, e isto parece muito curioso e interessante, que somos capazes de transformar certas “coisas” que nos cercam, desejando simplesmente que se transformem, todavia só o podemos fazer com objetos de pouca importância. Assim, por exemplo, se eu perceber aos meus pés uma agulha de pinheiro e me ponha a pensar que ela se transforme numa agulha de aço, eu a vejo transformar-se numa agulha de costurar, que posso pegar e examinar. Não podemos, porém, transformar objetos volumosos e menos ainda o ambiente em que vivemos e isto assim é por não ser a paisagem em que vivemos unicamente um ornato em que *nós* evoluímos, mas o ambiente onde evoluem *todos* os espíritos. Não podemos também transformar as pequenas “coisas” quando essa ação pode desgostar ou prejudicar alguém. Depois de repetidas experiências desta sorte, começamos a conhecer a verdade, isto é, que o meio em que vivemos, na realidade, não é constituído senão de “formas de pensamentos” e de “formas de memórias” e que tudo foi disposto de modo a tornar menos penoso, para os espíritos que acabam de chegar, o período de transição da existência terrestre para a existência espiritual propriamente dita. E a este respeito aprendemos muitas coisas, procurando o que podemos transformar por um ato de vontade e tudo o que permanece inalterado, apesar dos esforços dos nossos pensamentos...”

A passagem que acabamos de reproduzir é um dos exemplos das interessantes revelações mediúnicas publicadas pela revista inglesa *Light*, das quais sobressaem outras informações a respei-

to das “condições de perturbação” determinadas, no meio espiritual, pelos excessos de vícios em que muito freqüentemente caem os humanos, assim como sobre a constituição do “corpo etérico” em suas relações com o “meio etérico” que o cerca. Não podendo, porém, reproduzir tudo, limito-me ao trecho citado, pedindo a atenção dos leitores para o fato de que, se as revelações acima podem parecer a algumas pessoas fantásticas e inesperadas, impossível é, todavia, contestar-lhes uma razão de ser psicologicamente racional e justificável. Efetivamente, nada mais logicamente admissível se supor que entre a existência de espírito encarnado e de espírito desencarnado possa existir um período de existência preparatória e transitória, de modo a conciliar a natureza muito terrestre do espírito desencarnado com a natureza muito transcendental da existência espiritual propriamente dita. Acrescentarei mesmo que a coisa parece tão racional, tão indispensável, que, se as personalidades espirituais não nos viessem revelá-las, deveríamos supô-las *a priori*, em nome do princípio da continuidade da lei da evolução. E, como as personalidades em questão não se limitam a afirmar a realidade do fato, mas ainda explicam que isso se realiza graças ao poder criador do pensamento, que, para nós, também constitui uma realidade demonstrada experimentalmente pela “fotografia do pensamento” e pelos fenômenos de “ideoplastia” nas experiências de materialização, parece-me que esta confirmação deve ser acolhida como uma probabilidade muito admissível, apesar de inesperada, da existência espiritual-transitória. Com efeito, se quisermos ser lógicos, seremos levados a reconhecer que, se o poder criador do pensamento já opera, em nosso mundo, *mas unicamente de modo esporádico e sem propósito*, necessário se torna daí inferir que esta faculdade está destinada a exercer-se *normalmente, praticamente e utilmente* em outra fase da existência, outra que não pode ser senão a existência espiritual. Ora, as revelações citadas nada mais fazem do que confirmar a verdade desta inferência axiomática. Repito, pois, que não se pode contestar, nas revelações que acabamos de citar, uma razão de ser psicologicamente racional, verossímil, coincidindo com os dados da experiência e isto me basta por agora.

Voltemos à Sra. Joy Snell e às suas experiências de vidência. Eu disse que a citação supra tornaria menos inverossímeis as visualizações análogas por ela observadas e me felicito por tê-lo demonstrado. Nestas condições, dever-se-ia ao menos tirar um ensinamento útil das considerações que acabamos de expor, isto é, mesmo quando nos encontramos em face de visualizações transcendentais controláveis, é necessário mostrar muita prudência antes de atribuí-las, irrevogavelmente, a causas alucinatórias oriundas de fontes auto-sugestivas.

Com referência às outras visualizações da Sra. Snell, relativas ao fenômeno de “desdobramento fluídico no leito de morte” e de “aparições de defuntos no leito de morte”, basta apenas aditar que essas manifestações parecem incontestavelmente reais, objetivas, extrínsecas, e que basta, para prová-lo, recordar os processos da análise comparada às quais já foram submetidas outras experiências semelhantes, processos que provam que as manifestações em apreço têm sido observadas em todos os tempos e entre todos os povos, inclusive tribos selvagens, circunstância esta última importantíssima, pois os selvagens não poderiam auto-sugestionar-se pela leitura de obras de povos brancos. Elas foram observadas, coletivamente, por numerosas pessoas e, por vezes, sucessivamente, por pessoas que ignoravam completamente as visões de outras, o que basta para excluir qualquer forma de alucinação devida à sugestão ou à auto-sugestão. Enfim, mesmo a hipótese auto-sugestiva, aplicada ao moribundo, não poderia sustentar-se ante o fato de que, nas duas categorias de fenômenos, já se registraram numerosos episódios em que as manifestações se produzem quando o paciente já expirou, sendo os casos que aqui reproduzimos dessa natureza.

Telepatia, Telemnesia e a Lei da “Relação Psíquica”

A questão da *relação psíquica* reveste-se de um interesse de primeira ordem. Com efeito, se se demonstra como está bem fundada a teoria que já sustentei, segundo a qual o domínio, no qual agem as faculdades telepática e telemnésica, é suscetível de ser circunscrito de acordo com os fatos verificados, a demonstração experimental da existência e da sobrevivência do espírito humano deve ser considerada como já estando cientificamente assentada, pois que uma categoria especial de casos de identificação de mortos não pode ser encarada nos limites dos quais operam as faculdades em apreço.

Volto, por conseguinte, a este importante assunto, dispondo-me a analisar a fundo as modalidades nas quais se produz a telemnesia, argumento este que, do nosso ponto de vista, é mais essencial que o outro concernente à *relação psíquica*.

Os leitores terão a bondade de desculpar-me se a preocupação de ser claro me obriga a reproduzir aqui uma passagem do trabalho em que resumi a tese que eu desenvolvera:

“Já repeti, por várias vezes, nas minhas obras, e repito-o aqui ainda uma vez, com a esperança de fazer-me ouvir: a análise comparada, aplicada ao imenso material de fatos acumulados em 80 anos de pesquisas, fez emergir uma lei psíquica fundamental a que estão sujeitas todas as manifestações supranormais de natureza inteligente: é a lei da *relação psíquica*, graças à qual as comunicações telepáticas ou telemnésicas, entre um sensitivo ou um médium, de um lado, e uma pessoa afastada, do outro, não podem se realizar senão achando-se preenchida uma das três seguintes condições: quando há relações de conhecimento pessoal entre o sensitivo ou o médium e a pessoa afastada, ou, na falta disso, quando há, entre os experimentadores, alguém que conheça pessoalmente a pessoa afastada, ou, pelo menos, quando se apresenta ao sensitivo ou ao médium um objeto

que durante certo tempo tenha sido usado pela pessoa em questão (psicometria).

Esta lei inexorável da “sintonização psíquica”, para as comunicações à distância entre duas subconsciências, encontra uma correspondência perfeita na lei análoga da “afinidade” entre os diferentes elementos da matéria e as diferentes “forças” da natureza: afinidade atômica, molecular, química e sintonização entre as ondas elétricas. Segue-se que não se poderia pretender que, nas circunstâncias de que se trata, o sensitivo ou o médium não pode dispensar a *relação psíquica* para captar informes nas subconsciências dos outros. Isto equivale a pretender entrar em relação, pela radiofonia, com uma estação emissora sem ter regulado, primeiro, o seu aparelho para o “comprimento da onda” da estação procurada. Isto dito, será preciso convir que, nos casos de que se trata, da mesma forma que a correspondência do comprimento da onda é indispensável para as comunicações radiofônicas, também *a sintonização das vibrações fluídicas inerentes à aura do sensitivo ou médium deve corresponder às vibrações fluídicas inerentes à aura especial da pessoa afastada que se trata de procurar.*

Fica, pois, entendido que, quando nenhuma das três condições acima indicadas se realiza, a *relação psíquica* à distância, entre pessoas vivas, não pode se estabelecer, o que é o mesmo que dizer que *os casos de identificação pessoal de mortos, que viveram obscuramente e eram desconhecidos do médium e dos assistentes, não podem ser explicados pelas faculdades supranormais subconscientes e, portanto, eles nos obrigam logicamente, inevitavelmente, inexoravelmente – queira-se ou não – a chegar à interpretação espírita dos fatos.* Ter-nos-emos entendido desta vez?

Enfim, não nos esqueçamos disto: a hipótese da “telemnesia”, segundo a qual o médium conseguiria captar as informações de que tem necessidade, nas subconsciências de pessoas afastadas, está suficientemente comprovada nos limites das informações *estritamente pessoais* à pessoa afastada e conhecida do médium e dos assistentes, informações

que existem, mais ou menos vivas, no limiar da consciência dessa pessoa, mas está longe de se achar demonstrada, e mesmo suspeitada, *no que concerne a terceiras pessoas conhecidas do indivíduo em apreço*. Aliás, essas informações, no caso que nos ocupa, são quase sempre insignificantes e muito antigas, completamente esquecidas do indivíduo em questão, ao qual não podem interessar. Nestas condições, dever-se-ia admitir que as faculdades investigadoras da “telemnesia” possuem o poder prodigioso de selecionar a informação insignificante procurada no meio da massa inumerável de informações de todas as espécies, registradas na memória integral do indivíduo distanciado. É, pois, claro que, antes de admitir a existência subconsciente de uma faculdade capaz de selecionar a tal ponto inconcebível e inverossímil, é preciso dispor de boas provas nesse sentido, porém estas não existem, da mesma forma que não existe qualquer parcela de presunção experimental de natureza a sugerir a existência dessa faculdade. Seria coisa inteiramente outra no caso, ao qual aludi mais acima, de as informações ligadas, de maneira estritamente pessoal, ao indivíduo afastado, existindo tais informações, mais ou menos vivas ainda, no limiar de sua consciência. Com efeito, nestas circunstâncias, a “telemnesia” não agiria *ativamente*, selecionando, recebendo impressões...”

Ora, ver-se-á que, no estudo que segue, consegui demonstrar, apoiando-me em fatos, que tudo contribui para confirmar o valor científico dos argumentos apresentados no trabalho anterior, assim relativamente à *relação psíquica* como no que concerne à “telemnesia”.

Começando pela lei da *relação psíquica*, direi que, na massa imponente das classificações que, depois de 43 anos, continuo a manter em dia, em cada categoria, grupo ou subgrupo de fenômenos, há uma consagrada aos casos das manifestações telepáticas sem a *relação psíquica*, classificação que comecei, reconhecendo o bem fundado axioma científico e filosófico segundo o qual “não há regras sem exceções”. Esses casos, se os examinarmos a fundo, não contradizem a regra, mas, antes, a confir-

mam. Da mesma forma, a circunstância de haver pensado em registrar os fatos desta natureza me permite, agora, pronunciar-me com suficiente conhecimento de causa sobre esta importante questão. Direi, então, que, no decurso de 43 anos de leituras muito intensas, não cheguei a reunir senão *nove* casos desta espécie, com dezessete outros casos nos quais a *relação psíquica* está velada mas existindo. Acrescento que nenhum dos casos que recolhi é realmente contrário à lei em questão, sendo todos suscetíveis de explicações diversas que os levam ao círculo da *relação psíquica*.

Isto dito, começo, sem mais delongas, a citação dos exemplos, escolhendo alguns casos típicos do grupo dos nove casos que carecem da *relação psíquica*, ou, mais exatamente, cuja *relação psíquica*, em lugar de se produzir de forma estritamente pessoal, direta ou indireta, se produz excepcionalmente por invasão difusa em um dado meio de um feixe de vibrações psíquicas engendradas pela intensidade dramática dos acontecimentos percebidos telepaticamente pelo sensitivo.

*

Caso I – Tiro-o do *Journal of the S. P. R.* (vol. XXI, pág. 92). Conta a Srta. Evelyn Vincent:

“Meu sonho consistiu nisto: Parecia achar-me perto de uma carruagem de aluguel, que estava parada. Percebia no caminho, à direita da carruagem, uma poça de sangue, e me perguntava: “Que se pode fazer para ajudá-la?” Uma voz respondia: “Ela está morta. Seu rosto está cadavérico.”

Via, em seguida, que se retirava um corpo de mulher da carruagem e que era levado. Eu ignorava por que me achava lá, mas guardei a impressão de que passava de carruagem ao lado da que acabava de perceber. Sentia-me apavorada com esse espetáculo...

Tal é a narrativa pura e simples de meu sonho.”

Esse sonho correspondia a um assassinato acontecido, na mesma hora, isto é, às 2 horas do dia 6 de fevereiro de 1923, nas mesmas condições. A vítima, uma jovem, fora transportada para

um hospital, onde dera entrada já morta. O moço que a matara tinha espontaneamente se apresentado à polícia.

A percipiente não conhecia, de modo algum, os protagonistas do drama.⁹

– 0 –

Caso II – Tiro-o ainda do *Journal of the S. P. R.* (vol. VI, pág. 294). Não se diz o nome do percipiente, que é, entretanto, conhecido dos dirigentes da *S. P. R.* .

Eis o que ele expõe com data de 18 de novembro de 1891:

“Achava-me deitado no sofá, em estado de sonolência, quando meus pensamentos volveram para a cidade de Southsea, onde passara uma quinzena de dias no mês de junho passado. Assistia a uma visão mental excepcionalmente realística para um sonho, com a representação de um cais de porto, onde notei muita gente em agitação; no fundo havia um navio a vapor. De repente, minha atenção foi atraída para um bote de escafandristas, ocupados em algum trabalho submarino. Tinha a impressão de que um grave acidente se produzira e que se faziam esforços desesperados para conseguir salvar um mergulhador. Parecia-me compreender que qualquer dificuldade acabava de se produzir na manobra do aparelho. No meu sonho, ou meio sonho, eu pensava, com horror, que talvez os homens não chegassem a retirar vivo o escafandrista do mar. Assistia, enfim, ao seu aparecimento na superfície da água; então, tal como se eu estivesse no bote, vi quando se levantou o capacete do infeliz e eu verifiquei que ele havia morrido...

A desgraça, que eu vira no sonho, se produzira, na mesma hora, no porto de Southsea.”

Também neste episódio, o percipiente não conhecia nenhum dos protagonistas, nem dos espectadores do drama visualizado.

– 0 –

Caso III – Extraio, também, este episódio da coleção do *Journal of the S. P. R.* (vol. VII, págs. 138/42). O relato deste

caso é muito longo e minucioso, de modo que me limito a reproduzir o trecho essencial.

O Sr. H. W. Wack, eminente advogado, residente em Saint Paul (Minnesota, Estados Unidos da América), conta que, no decurso da noite de 29 de dezembro de 1892, sonhou que se achava num trem que ia para a cidade de Duluth e que, depois de cerca de quatro horas de viagem, lhe pareceu ouvir um grito dilacerante, seguido de gemidos e estertores que pareciam provir de uma pessoa sofrendo terrivelmente. E prossegue assim:

“Notei que o trem detinha a sua marcha e parava, em seguida, bruscamente. Logo depois, vi os empregados da estrada de ferro atravessarem o meu compartimento com lanternas na mão, saltarem para a estrada e se dirigirem para a locomotiva. Percebia os feixes luminosos das lanternas projetados por debaixo do trem. Compreendi que grave acidente acabava de produzir-se. Desci, por minha vez, e perguntei o que acontecera, mas os empregados, absorvidos pelas investigações, não me prestavam a atenção. Alguém acabou por me contar que, se eu tivesse olhos, devia comenetrarme de que um homem fora esmagado pelo trem. Efetivamente, percebiam-se, por todas as partes, manchas de sangue e, quando os empregados iluminaram com as lanternas as rodas de um dos primeiros carros, vi que elas se achavam literalmente sujas de uma matéria esbranquiçada que parecia ser substância cerebral, tanto mais que mechas de cabelo se encontravam misturadas com a mesma. Porém, onde estava, então, o corpo da pessoa morta? Ou, pelo menos, como não se descobriam, em parte alguma, membros humanos? A pesquisa foi estendida a mais de 500 metros atrás do ponto em que se detivera o trem, mas, inutilmente. A conclusão foi a de que o corpo inteiro do homem fora alcançado e reduzido à massa pelas rodas do comboio. Devia-se supor que se tratava de um vagabundo que se ocultara debaixo de qualquer carro para viajar gratuitamente. “Horível, horrível!”, murmurava eu no meu sonho.

Esse sonho dramático ficou-me vivamente gravado na memória e, na manhã seguinte, contei-o a pessoas conheci-

das, que assinalaram, sobretudo, a circunstância macabra e pouco verossímil segundo a qual o corpo da vítima fora de tal maneira triturado pelas rodas do trem *que não se encontrava nenhuma parte dele...*”

Tal é o resumo substancial do sonho do advogado Wack, sonho que foi devidamente confirmado pelos testemunhos das três pessoas que ouviram a narração dele vinte e quatro horas antes que os jornais tivessem publicado a notícia do dramático acontecimento que havia acontecido *naquela noite mesma, na mesma hora, na mesma linha* da estrada de ferro do sonho, *na mesma localidade*. O corpo da vítima fora efetivamente triturado a tal ponto que *não se achou nenhum membro dele*, salvo, na manhã do dia seguinte, uma perna a uma milha de distância.

O Sr. Wack termina sua narrativa dizendo:

“Quanto mais penso nele, tanto mais me convenço de que, de forma misteriosa, talvez em espírito, talvez pela clarividência, eu tenha sido testemunha do trágico acontecimento narrado pelos jornais, pois minha visão foi perfeita em todas as suas fases gerais: hora, local, circunstâncias diversas, assim como na impressão verídica do que se tinha passado.”

Não citarei outros exemplos do mesmo gênero, limitando-me a repetir isto: que, nas minhas classificações, só se encontram *nove* casos iguais, o que bem demonstra a raridade verdadeiramente excepcional desta classe de episódios. Estes poderiam ser confundidos por alguém com a classe dos fenômenos de “clarividência no espaço” (telestesia), porém isto é um erro. Com efeito, a telestesia diz respeito à *percepção, à distância, de objetos e de condições de meio em circunstâncias que afastam toda possibilidade de transmissão telepática da parte de um agente humano*, ao passo que, nos casos de que nos ocupamos, o agente humano está sempre presente e presa de intensa superexcitação emocional, o que faz com que não se possa deixar de considerar estes casos como sendo de natureza telepática e não telestésica. Em outros termos: a telestesia se produz *ativamente*, o sensitivo percebe diretamente, por si mesmo, os acontecimen-

tos afastados, ao passo que, no nosso caso, o sensitivo os percebe *passivamente* – por conseguinte telepaticamente –, pois que ele recebe “vibrações psíquicas” que lhe chegam de longe, vibrações psíquicas que, pela lei de “reversão”, se transformam, no seu ser sensorial, na representação dos acontecimentos trágicos que as engendraram, da mesma maneira que o disco do fonógrafo registra as vibrações da voz de um orador; pela lei de reversão, elas se transformarão em seguida, à vontade, na reprodução do discurso em questão.

Tendo explicado isto para eliminar qualquer equívoco, retomo o fio de meu raciocínio e observo que todos os episódios do grupo em questão (nos quais o percipiente tem a visão de acontecimentos ocorridos a protagonistas *que lhe são desconhecidos*) revestem-se de um caráter eminentemente dramático. Parece, pois, que se poderia deduzir disso que as “tempestades psíquicas” de natureza extrema aparentam ser as únicas capazes de impressionar à distância, quando não há *relações psíquicas* de natureza pessoal, direta ou indireta, das pessoas que servem de *agente*.

Não é tudo: nota-se uma outra circunstância que encerra em um círculo ainda mais restrito a produção dessas exceções à regra. Ela consiste no fato de que, tal como o disse, os casos telepáticos dessa natureza são tão raros que, nas minhas classificações, não se encontram senão *nove* casos do gênero. Esta circunstância dá lugar a uma consideração muito sugestiva no sentido que sustento. É que, como há, diariamente, dramas análogos aos que acabam de ocupar a nossa atenção, parece que, se fora coisa fácil comunicar com pessoas desconhecidas, também nos limites dessas circunstâncias, os episódios telepáticos dessa espécie deveriam existir em número muito grande. Ora, como tal não se dá e, ao contrário, os episódios em questão representam uma exceção muito rara à regra, é preciso concluir que, para que um fenômeno telepático, com protagonistas desconhecidos ao percipiente, possa se produzir, um conjunto de circunstâncias excepcionais deve formar-se. Essas circunstâncias poderão talvez consistir na emissão, da parte dos protagonistas do drama, de “vibrações psíquicas” excepcionalmente bem

sintonizadas com as do percipiente, de maneira a serem captadas por ele, ou, talvez, também o percipiente se encontre em condições muito especiais de hiper-sensibilidade telepática suscetíveis de lhe fazerem perceber vibrações psíquicas de pessoas desconhecidas, se bem que somente em circunstâncias de projeções vibratórias em feixe, engendradas por tempestades passionais ou trágicas de uma violência extrema.

Ora, tudo contribui para demonstrar que essas condições se realizam tão rapidamente e, além disso, com relação a uma classe de fatos por tal forma especial que não é o caso de tomá-las em consideração quando se trata de circunscrever os limites em que se produz a telepatia entre vivos nas experiências mediúnicas.

E ainda não é tudo. É preciso também pensar que nas “exceções à regra”, de que nos ocupamos aqui, trata-se de visões subjetivas de acontecimentos dramáticos que se desenrolam à distância e não de *leitura à distância nas subconsciências dos outros* (telemnesia). Esta última possibilidade é mesmo a única que importa examinar de nosso ponto de vista. Já a outra é sem interesse, como o demonstrarei mais adiante.

Este grupo de fatos é também o único do qual se possa dizer que há casos de percepção telepática *entre vivos*, nos quais se verifica a falta de *relação psíquica*, direta ou indireta, entre o agente e o percipiente, mas, ao mesmo tempo, viu-se que se trata de uma exceção confirmando a regra.

Resta-nos apreciar um segundo grupo de fenômenos telepáticos nos quais a *relação psíquica*, apesar das aparências negativas, existe sob uma forma velada e indireta. Segue-se que este segundo grupo não é uma “exceção à regra”, pois ele se acomoda na própria regra, todavia é útil discutir-lhe as modalidades de manifestação a fim de salientar o que acabo de dizer.

Eis, pois, alguns exemplos variados do gênero.

*

Caso IV – Extraio o seguinte episódio do *Phantasms of the Living* (Fantasmas dos vivos). Trata-se de um incidente assaz conhecido, por muitas vezes citado nas discussões relativas aos

fenômenos telepáticos. É semelhante aos anteriores pela circunstância de igualmente se referir a um trágico episódio percebido por uma pessoa que não conhecia a vítima, porém, ao mesmo tempo, é diferente neste sentido: que se vem a saber, pela narrativa, que havia, entre o percipiente e a vítima, um estreito grau de parentesco. Por outro lado, sobressai também, da análise dos fatos, a existência de uma “relação psíquica indireta”, mas velada, com o pai da própria vítima. Relata a Sra. Green:

“Eu via duas mulheres, convenientemente vestidas, dirigindo, sozinhas, uma carruagem semelhante a um veículo para transporte de águas minerais. O cavalo encontrou água diante dele e parou para beber, mas, não achando ponto de apoio, perdeu o equilíbrio e, esforçando-se por recuperá-lo, caiu em cheio n’água. Com o choque, as mulheres se levantaram, gritando por socorro, seus chapéus caíram e, como tudo foi absorvido pela água, voltei-me chorando e disse: “Não havia ninguém que as socorresse?” Nisto despertei e o meu marido me perguntou o que acontecera. Contei-lhe o sonho que acabo de vos comunicar. Ele me perguntou se eu conhecia as mulheres e respondi-lhe que não, que me parecia jamais tê-las visto. Durante o dia inteiro, não consegui subtrair-me à impressão do sonho e à inquietude na qual ela mergulhara. Fiz notar a meu filho que era o aniversário de seu nascimento e também do meu, 10 de janeiro, e por essa razão é que me recordo da data.

No mês de março, recebi uma carta e um jornal enviados pelo meu irmão Allon, que morava na Austrália e que me contava a tristeza que experimentara em perder uma de suas filhas, que morrera afogada com uma amiga. Vereis, pela descrição do acidente descrito no jornal, quanto o acontecimento correspondia ao meu sonho. Minha sobrinha nasceu na Austrália e eu nunca a vira.”

Tal é, em resumo, a narrativa da percipiente. Observarei ainda que a narração do acidente, feita pelo jornal local, indica que o detalhe dos dois chapéus flutuando n’água era exato.

O marido da percipiente confirma a narrativa da esposa. Eis um breve trecho do seu testemunho:

“A sobrinha de minha esposa não morava com o pai. Este, pois, só recebeu a notícia do acidente no dia seguinte pela manhã, o que corresponde à noite do dia 10 em nosso país.”

Este último detalhe faz pensar que, provavelmente, o impulso telepático, que determinara o sonho verídico, veio do pai da vítima, irmão da percipiente, considerando-se que o sonho coincide com o dia e a hora em que ele recebeu a triste notícia. Logo, além dos laços de sangue entre a percipiente e a vítima, nota-se, neste caso, também a existência de uma “relação psíquica indireta”, se bem que ela seja velada pela circunstância de que o agente telepático não era a vítima do drama.

*

Caso V – Está registrado na mesma coleção dos *Phantasms of the Living* (caso 242). A Sra. Clarke escreve de Londres em data de 30 de outubro de 1883:

“Pelas 3 ou 4 horas da tarde de um dia do mês de agosto de 1864, achava-me sentada, lendo, na varanda de nossa casa em Barbados, e a nossa criada indígena levava a passear, no jardim, a minha filhinha de 18 meses, no seu carrinho. Levantei-me, no fim de certo tempo, para entrar na casa, quando a negra me perguntou: “Senhora, quem era aquele homem que veio conversar consigo?” – “Mas ninguém me falou”, respondi-lhe eu. – “Oh, sim senhora. Foi um senhor bem alto e muito pálido. Ele falou bastante e a senhora foi pouco atenciosa para com ele, porque não lhe respondeu.” E eu repeti que pessoa alguma me havia falado e fiquei aborrecida com a criada, que me suplicou que eu tomasse bem nota de tal dia, porque estava certa de ter visto alguém na varanda. Assim fiz, e, alguns dias após, soube da morte de meu irmão em Tobago. O que é estranho é que eu não o vi e ela (uma desconhecida para ele) o viu e, ainda acrescentou, parecia ele estar ansioso para ser notado por mim.”

Em resposta ao inquérito feito pela *S. P. R.*, a Sra. Clarke salientou que o dia da morte do irmão coincidia com o dia da aparição, que os detalhes “bem alto e muito pálido” correspondiam à verdade e que ela não sabia da doença do irmão, que só durara alguns dias. O marido da Sra. Clarke confirmou o que precede.

Neste caso, a *relação psíquica* existe indubitavelmente, pois que se trata de um irmão ausente que, na hora da morte, se manifestou à sua irmã, mas, esta, não possuindo as faculdades de *sensitivo*, nada percebeu e nunca teria conhecimento da aparição que se produzira se não houvesse perto dela um *sensitivo* que recebeu, indiretamente, o impulso dirigido a outrem. Isso recorda a hipótese de Myers sobre a existência de “centros fantasmogênicos reais” em algumas aparições telepáticas. Neste caso, a negra teria percebido o fantasma por *clarividência* e não por *telepatia*.

*

Caso VI – É o caso 30 dos *Phantasms of the Living*, caso muito conhecido e citado, porque a forma telepática não era somente desconhecida da percipiente, mas foi reconhecida como sendo a projeção fantasmogônica de uma pessoa em excelente estado de saúde.

A Srta. Frances Redell, criada de quarto da Sra. Pole Carew, escreveu, com data de 14 de dezembro de 1882, o seguinte:

“Helen Alexander (criada de quarto de Lady Valdegrave) estava com febre tifóide grave e era tratada por mim. A 4 de outubro de 1880, às 4 horas da manhã, eu me achava de pé junto de uma mesa, ao lado da cama, para dar-lhe o seu remédio. Ouvi batidas na porta (já se ouvira isso por duas vezes, durante a noite, naquela mesma semana). Minha atenção foi então atraída pela batida na porta que se abria e pela presença de uma pessoa que entrava no quarto. Senti logo que ela devia ser a mãe da enferma. Tinha na mão direita um candelabro de cobre e trazia um xale vermelho sobre os ombros e uma saia de flanela que tinha um rasgão na frente. Fitei-a como se quisesse dizer: “Estou contente por ter vin-

do”, mas a mulher me encarou severamente como se pretendesse perguntar: “Por que não foram procurar-me mais cedo?” Depois de ter dado o remédio a Helen Alexander, voltei para falar à visão, mas essa desaparecera. Era uma pessoa de pouca altura, bem morena e muito gorda. Às 6 horas da tarde, Helen falecia.

Dois dias após, seus pais e uma de suas irmãs vieram a Anthony, chegando entre 1 e 2 horas da madrugada. Eu mesma e uma criada lhes abrimos as portas, quando recebi grande choque ao ver a imagem viva da visão que eu tivera duas noites antes. Conteí a visão à irmã dela e esta me assegurou que a descrição do vestido correspondia exatamente ao de sua mãe e que existiam candelabros de cobre na casa, exatamente iguais ao que eu descrevera. Não havia a menor semelhança entre a mãe e a filha morta.”

A narração da Srta. Frances Redell foi confirmada pelo relatório-testemunho de sua patroa, a Sra. Pole Carew. Transcrevo a seguinte passagem da narrativa desta senhora:

“A Srta. Redell falou-me da aparição e também à minha filha, mais ou menos uma hora depois da morte de Helen. “Não sou supersticiosa, nem nervosa – disse-me ela em primeiro lugar – e não fiquei nem de longe aterrorizada, mas a sua mãe veio na noite passada.” Contou-me então toda a história e nos fez uma descrição muito precisa da figura que vira.

Preveniram-se os parentes para que pudessem assistir ao enterro. Os pais e uma irmã compareceram e a Srta. Redell reconheceu na mãe a figura que vira. Eu a reconheci também, de tal forma a descrição fora exata, e a sua expressão mesmo era bem a que ela indicara, devida não à sua inquietude, mas à sua surdez. Julgou-se melhor não falar no caso à mãe, mas a Srta. Redell contou tudo à irmã, que lhe disse que a descrição correspondia exatamente às roupas que traria a mãe se se tivesse levantado durante a noite, que havia na casa um castiçal inteiramente igual ao que ela vira e que a saia de sua mãe tinha mesmo um rasgão devido à maneira

pela qual a vestia. É curioso que nem Helen, nem a sua mãe parecem ter-se apercebido dessa visita... Ninguém na casa sabia que ela se achava tão doente. É também notável que a mãe, que não é nervosa, tenha dito naquela noite ao deitar-se: “Estou certa de que Helen está muito doente.”

Este último detalhe, do qual sobressai que a mãe recebeu uma impressão telepática do estado no qual se achava a filha, contribui para fazer supor que a impressão experimentada provocou nela um sonho telepático correspondente à visão percebida pela Srta. Redell. Se assim é, esta última a percebeu, quer porque se encontrava no ambiente da pessoa que constituía o objeto de impulso telepático no sonho, quer devido a um fenómeno de “clarividência” e não de “telepatia indireta”, de conformidade com o que já fiz notar nos meus comentários ao caso precedente.

Haveria ainda uma terceira hipótese para explicar os fatos e os autores da obra, da qual extraí este caso, lhe fazem alusão ao dizerem: “É possível também que o agente verdadeiro tenha sido Helen e que, durante a sua agonia, ela tenha tido diante dos olhos uma imagem viva da própria mãe.”

Segue-se que, qualquer que seja a solução que se prefira dar ao problema, no caso em questão a existência de uma “relação psíquica velada” se mostra indubitável.

*

Caso VII – Termino por um caso em que, além do detalhe da manifestação ao percipiente, de um fantasma que lhe é desconhecido, mas que é conhecido de uma pessoa presente, se nota uma outra teoria: trata-se, com efeito, do espírito de um morto. Este caso representa, pois, o limite extremo no qual se poderia ainda invocar a telepatia entre vivos para explicar os fatos. É por isto que eu o narro, isto é, o cito a título de exemplo em que a hipótese telepática entre vivos começa a ser insuficiente para a explicação dos fatos, apresentando-se a hipótese complementar da “telepatia entre vivos e mortos” ao espírito do investigador, com muita eficácia. Neste caso, a lei da *relação psíquica*, embora permanecendo invulnerável, deveria ser considerada como suscetível de produzir-se entre vivos e mortos.

Tomo o caso de uma longa classificação de Myers que apareceu nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol VI, pág. 26). A percipiente, que é a própria narradora do fato, a Sra. P., não deseja que o seu nome seja publicado, dada a natureza íntima dos acontecimentos a que se refere. Eis o que escreve a respeito:

“Casei-me no ano de 1867 e minha vida decorreu tranqüila e feliz até o fim de 1869, quando a saúde de meu marido pareceu declinar e seu caráter se tornou sombrio e irritável. Procurei, em vão, compreender as causas de tais mudanças pela insistência de minhas perguntas e ele me respondia que eu sonhava e que se achava maravilhosamente bem. Deixei, pois, de importuná-lo e os dias continuaram a escoar tranqüilamente até a véspera de Natal. Tínhamos um tio e uma tia que moravam nos arredores e que nos convidaram, nessa ocasião, para visitá-los, pedindo chegarmos a tempo para o almoço.

Como devíamos levantar-nos muito cedo, resolvemos antecipar a hora de repouso e subimos para os nossos aposentos às 9 horas da noite, depois de termos, como de hábito, fechado cuidadosamente portas e janelas. Eram 9 horas e 30 minutos. Nossa filhinha, então com 15 meses, tinha o hábito constante de acordar a essa hora para beber um gole de leite e tornar a adormecer. Como a menina ainda não tivesse despertado, pedi a meu marido que se deitasse sem apagar a lâmpada, enquanto eu esperava, apoiada no leito, ao lado do berço. Gertrudes não despertara. Preparava-me para ficar em posição mais cômoda quando, com grande espanto, vi, ao fundo da cama, um homem em uniforme de oficial de marinha, com um chapéu pontudo na cabeça. Seu rosto ficava para mim na sombra, visto que ele se apoiava com o cotovelo no encosto da cama, sustentando a cabeça na mão. Eu estava presa de um espanto bem grande para ficar atemorizada e perguntava a mim mesma quem poderia ser esse homem. Toquei no ombro de meu marido, que se achava voltado para o outro lado, e lhe perguntei: “Willie, quem é este homem?” Ele voltou-se, olhou, espantado, o intruso

durante alguns momentos, depois, levantando-se, exclamou? – “Vós, senhor, que viestes fazer aqui?”

A forma ergueu-se lentamente, depois, com voz imperiosa e descontente, exclamou? – “Willie! Willie!” Fitei meu marido, que se tornara lívido e preso da maior agitação. Ele se levantou da cama como se para agarrar o estranho, mas logo ficou perplexo ou espantado, ao passo que a forma atravessava o quarto, impassível e solene, e se dirigia, em ângulo reto, para a parede. Quando ele passou diante do lampião, uma sombra escura veio projetar-se sobre a parede e sobre nós mesmos, como se se tratasse de uma pessoa viva, mas, apesar disso, desapareceu, de forma misteriosa, através da parede. Meu marido, sempre muito agitado, apanhou o lampião, dizendo: – “Vou percorrer a casa toda e verificar para onde ele foi.” Eu estava igualmente na maior agitação, todavia, lembrando-me de que a porta se achava fechada e que o misterioso visitante não se dirigira para tal lado, observei: – “Mas, ele não saiu pela porta!” Entretanto, meu marido tirou-lhe os ferrolhos, abriu a porta e foi dar um giro em torno da casa. Ficando só, na escuridão, eu pensava: “Vimos uma aparição. O que nos anuncia ela? Talvez meu irmão Arthur esteja doente (ele era oficial de marinha e se achava de viagem para as Índias). Sempre ouvi dizer que tais coisas acontecem.” Eu assim refletia, tremendo de medo, e, apertando contra mim nossa filha que despertara, assim fiquei até o momento em que vi retornar meu marido, mais lívido e agitado do que nunca. Ele sentou-se na beira da cama, rodeou-me com um braço e murmurou: – “Sabes quem nós vimos?” – “Sim, respondi-lhe, um espírito, e eu receio que se trate de Arthur, mas não pude distinguir o seu rosto”, e ele replicou: – “Não, era meu pai!”

O pai de meu marido morrera há 14 anos. Fora oficial de marinha na mocidade, mas, por motivo de saúde, deixou o serviço depois do nascimento de meu marido e este não o vira de uniforme senão uma ou duas vezes. Quanto a mim, nunca o conheci.

No dia seguinte, narramos o acontecimento a nossos tios e pudemos todos verificar que a agitação de meu marido não diminuía, embora ele fosse sempre cético em matéria de manifestações espirituais.

À medida que os dias passavam, meu marido tornava-se mais fraco, até o momento em que foi obrigado a ir para a cama, gravemente enfermo. Foi somente então que ele me pôs gradualmente a par de seu segredo. Achava-se, desde há algum tempo, em graves dificuldades financeiras e, no momento em que o pai lhe aparecera, ia dar ouvidos aos tristes conselhos de um homem, conselhos que o teriam levado à ruína, ou talvez a pior. Por esta razão é que não posso falar deste caso sem reservas.

Nem estados de “superexcitação nervosa”, nem de “temores supersticiosos” poderiam provocar semelhante manifestação espiritual. Segundo o juízo que pudemos formar a respeito deste fato, trata-se de advertência providencial feita a meu marido por meio da voz e dos traços daquele que mais venerara em vida e a quem somente teria obedecido.”

O Dr. C. e a esposa confirmam a narrativa exposta. O marido da narradora, Sra. P., a confirma igualmente, nestes termos: “Nenhum detalhe acrescentarei à narração de minha esposa, limitando-me a atestar que ela é rigorosamente exata e que os fatos se desenrolaram como foram descritos.”)

Relativamente a este muito interessante caso, observarei que, a rigor, não se poderia eliminar totalmente a hipótese telepática, se bem que ela se apresente de tal forma complicada e tortuosa que não é fácil aceitá-la. Seria preciso, com efeito, supor que o marido da percipiente, achando-se prestes a fazer negócio pouco lícito, pensasse intensamente na memória honrada do próprio pai, provocando alucinação telepática correspondente em sua mulher, que, por sua vez, chamando a atenção do marido para o objeto de sua visualização, ter-lhe-ia transmitido essa. Então, o marido, tomado de remorsos, à vista do espírito paterno, teria sido vítima de uma auto-alucinação complementar de natureza *verbal*, pela qual ele lhe reprovava o que tencionava fazer, auto-

alucinação que o marido teria, por sua vez, transmitido à sua mulher (?!)

Tal a tortuosidade de “telepatizações” recíprocas que seria preciso admitir se não se quisesse sair do domínio da “telepatia entre vivos”. Se, ao contrário, se aceitasse a hipótese complementar da “telepatia entre vivos e mortos”, seria necessário admitir que as preocupações ansiosas, que agitavam a alma e atormentavam a consciência do filho, haviam determinado a *relação psíquica* com o falecido pai, que se manifestara ao filho a fim de impedi-lo de cometer ações contrárias à honra, objetivo que logrou, aliás, atingir.

Resulta daí que, sob o ponto de vista no qual nos colocamos aqui e qualquer que seja a interpretação que se prefira dar aos fatos, não há dúvida que uma “relação psíquica dissimulada” existia no caso em questão.

Não citarei outros exemplos, pois os que acabo de citar bastam para provar a veracidade de minha afirmativa. Nessas condições se é forçado a reconhecer que os casos pertencentes a este segundo grupo de fenômenos telepáticos não representam mesmo uma “exceção à regra”, porém se acomodam, ao contrário, na regra. Não constituem, pois, uma objeção a eliminar, como foi o caso do primeiro grupo. Foi apenas preciso esclarecer o assunto para evitar possíveis equívocos causados pelo estado dissimulado em que se produzia a *relação psíquica*, o que já se fez.

Resta-me observar que os casos desta espécie são, por sua vez, muito raros, se bem que o sejam menos que os anteriores. Disse que, nas minhas classificações, há 17 exemplos do gênero, o que representa um número absolutamente insignificante em comparação com milhares de casos recolhidos.

O que acabo de dizer não constitui senão uma espécie de introdução à solução do formidável problema objeto deste estudo. Com efeito, os casos que citei e as discussões relacionadas com os mesmos só dizem respeito a episódios de “telepatia propriamente dita”, achando-se esta sujeita às leis inalteráveis da *relação psíquica*. Efetivamente mostrei que os casos, que constituem o grupo de “exceções à regra”, são de tal forma raros e a tal

ponto limitados a episódios dramáticos especiais que ficam literalmente sem efeito em face da verdade que sustento aqui, segundo a qual não pode haver comunicações telepáticas entre pessoas que não se conhecem, salvo quando se realizam as condições formuladas nas três proposições que formulei a princípio.

Este feliz resultado de um problema formidável para as pesquisas psíquicas constitui a primeira parte de minha tese, primeira parte que, embora teoricamente muito importante, não revestiu, sob o ponto de vista da segunda parte da tese a desenvolver, senão o valor de uma dificuldade preliminar.

Resta-me, efetivamente, enfrentar ainda o outro formidável problema – que não somente não está ainda resolvido, como ainda não foi discutido aqui – relativo aos *limites nos quais se deveria circunscrever os poderes supranormais da telepatia, apreciada sob todas as suas formas* e não apenas quando a telepatia se produz de forma sensorial, como nos casos que acabei de narrar, porém, sobretudo, quando reveste a forma de “telemnésia”, isto é, quando o *percipiente* não é *passivo* e sim *ativo*, sentido em que consegue captar, nas subconsciências de pessoas afastadas, mas que ele conhece, segredos e informações que lhe dizem respeito e, segundo certas hipóteses audaciosas em voga, também informações relativas a terceiros, conhecidos dessas pessoas afastadas. Não somente, mas sempre sobre hipóteses muito audaciosas, também quando o sensitivo não conhece a pessoa depositária das informações procuradas, ou seja, mesmo quando nenhuma pessoa, que a conheça, esteja presente, e, pior ainda, mesmo quando não é suprido, remetendo ao sensitivo um objeto levado muito tempo com a pessoa pelo indivíduo desconhecido que se trata de focalizar (psicométrica).

Observarei que, entre todas estas hipóteses aventadas pelos partidários atuais de um “Animismo integral”, não deveríamos considerar senão a primeira, na qual se encara a possibilidade de fenômenos de “telemnésia” entre um sensitivo ou um médium e uma pessoa afastada, conhecida dela ou de um experimentador, ou mesmo desconhecida de todos, porém com o auxílio da psicométrica.

Com efeito, essa primeira forma de produção de “telemnésia” parece ser a única demonstrada experimentalmente, de maneira suficiente, sendo as outras puramente fantasistas, pois que não se encontram, em toda a fenomenologia metapsíquica, episódios que ainda de longe as legitimem. É o que me proponho a demonstrar agora, com o apoio dos fatos.

A este respeito vale a pena começar reproduzindo aqui uma carta agressiva que recebi por ocasião da publicação do meu trabalho anterior, *Em defesa dos casos de identificação espiritualista*. O autor da carta é um doutor em Medicina. Eis em que termos ele se exprime:

“Senhor Bozzano,

Um dos meus colegas, espírita convicto, me fez ler o artigo de V.S. em resposta ao Dr. Osty. Declaro-lhe, francamente, que a tese que V.S. sustenta, segundo a qual os casos de manifestações de mortos, desconhecidos do médium e dos assistentes, demonstrariam a presença real, no local, dos mortos que se comunicam, de modo algum chegou a me convencer. Para mim, que sou cético, a prova bastante para demonstrar que a *relação psíquica* não é necessária para as comunicações, à distância, entre as pessoas vivas, ressalta nitidamente do fato mesmo de que *há manifestações dos pretensos mortos desconhecidos do médium e dos assistentes*.

Prove-me V.S. que estou errado.”

(Ass.) F. C., Doutor em Medicina

Respondi-lhe por meio de uma carta não menos concisa, nos seguintes termos:

“Senhor,

A Metapsíquica é uma ciência. Ela é, pois, fundada exclusivamente sobre induções e deduções extraídas dos fatos. A hipótese de V.S., ao contrário, não é senão uma opinião pessoal, que, além disto, é literalmente gratuita e superficial, considerando que os casos de manifestações de mortos desconhecidos de médium e dos assistentes *consti-*

tuem problema a resolver e, em tais condições, eles não podem servir de base para discussão, nem para V.S. nem para mim. É preciso procurar, alhures, a base legítima para solução do problema que V.S. formulou, já que esses fatos existem.

Não acrescento outra coisa porque, para demonstrar que V.S. está errado, eu teria de escrever uma dezena de páginas, de modo que prefiro responder-lhe por meio de um artigo a aparecer numa revista que imediatamente lhe enviarei.

Receba, caro senhor, as minhas distintas saudações.”

(Ass.) E. Bozzano

Julguei oportuno reproduzir esta pequena correspondência particular, porque a carta do Dr. F.C. contém uma objeção em que eu não havia pensado e que poderia ocorrer à mente de qualquer opositor, ao passo que minha resposta indica o modo pelo qual o problema deve ser enunciado. Com efeito, tal como ele foi apresentado pelo meu contraditor, o problema se transforma em curiosa petição de princípio na qual os fatores do problema a resolver são tomados pela solução do próprio problema.

Aqui, prestes a tocar no fundo da questão, achei diante de mim uma dificuldade intransponível e antes rara: é que me será bem possível demonstrar, citando fatos, que a “telemnésia”, ou antes alguma coisa de análogo, existe nos limites da primeira hipótese que indiquei, mas não me será possível demolir, pela citação de fatos, as outras hipóteses que enumerei pela boa razão de que não se encontram, em toda a fenomenologia metapsíquica, episódios sugerindo, mesmo da maneira mais remota, as hipóteses em apreço. Segue-se daí que careço de material bruto para submeter à análise, com o intuito de demolir diretamente. Terei, pois, de limitar-me a atingir indiretamente o fim a que me proponho, demonstrando, pelos fatos, quais são os limites legítimos nos quais se devem circunscrever os poderes supranormais da telemnésia.

Agora, farei observar que se, à primeira vista, se pode achar muito inverossímil a suposição de que existem sensitivos capazes de captar os segredos da subconsciência alheia – mesmo nos limites das pessoas presentes ou das pessoas ausentes conhecidas dos mesmos – não é menos verdadeiro que o fenômeno existe sob as duas modalidades em questão, cabendo aos primeiros magnetizadores a honra de tê-lo demonstrado experimentalmente (sob o seu aspecto puramente empírico, o fenômeno era conhecido desde a mais remota antigüidade).

Resta-nos, todavia, discutir um problema embaraçoso, isto é, se, em tais circunstâncias, se trata efetivamente de telemnesia ou bem ainda e sempre de telepatia. Em outros termos, se se trata:

- 1º- de uma faculdade de inquirição em sentido *ativo*, penetrando nos refolhos mnemônicos das pessoas com as quais se está em *relação psíquica*, para lá colher as informações que lhe são úteis, selecionando-as, no número infinito de lembranças que estão em estado latente, ou
- 2º- se se trata da faculdade telepática habitual de recepção *passiva* de pensamentos que vibram, ainda vivos, no limiar da consciência da pessoa em questão, o que seria radicalmente diferente e muito mais concebível.

Esta importante questão se desenvolverá à medida que eu citar e analisar episódios pertencentes às duas modalidades pelas quais se manifesta o fenômeno de que se trata. Previno, entretanto, que, devendo limitar-me a alguns exemplos típicos, fá-lo-ei relatando casos em que foram atingidos os limites extremos do poder inquisitivo da telemnesia ou, se se prefere, do poder receptivo da telepatia. Vários desses exemplos já foram relatados com objetivos diferentes em algumas de minhas monografias.

*

Caso VIII – A Srta. Goodrich-Freer, a bem conhecida sensitiva a quem se deve magistral estudo sobre as suas experiências de “visão no cristal”, narra, nos *Proceedings of the S. P. R.* (vol. XI, págs. 114/44), numerosos incidentes pessoais de “leitura do pensamento”, entre os quais o seguinte:

“Eu fora visitar, pela primeira vez, uma de minhas amigas, casada havia pouco tempo. Não lhe conhecia o marido, mas, pelo que ouvira dizer, esperava encontrar um perfeito cavalheiro de alma nobre e situação social elevada. Quando lhe fui apresentada, notei que ele se esforçava por ser agradável e mostrar hospitaleira acolhida às pessoas reunidas em sua casa. E, entretanto, desde o primeiro instante em que me foi possível observá-lo com alguma atenção, fui perturbada por uma forma curiosa de alucinação que me pôs em dúvida a seu respeito. Qualquer que fosse a situação em que ele se achasse – à mesa, no salão, ao piano – para mim, o fundo, no qual se projetara a sua pessoa, desaparecia para ser substituído por uma visão em que eu percebia esse mesmo senhor, durante a infância, com expressão do mais abjeto terror, a cabeça baixa, os ombros levantados e os braços estendidos, como se se defendesse de uma tempestade de golpes que lhe fossem desferidos pelas costas.

Naturalmente, fui levada a informar-me a esse respeito e cheguei a saber que a cena visualizada por mim se produzira, realmente, durante a sua adolescência, numa escola da cidade, devida a baixa ação de fraude por motivo do qual fora vergonhosamente expulso, depois de ter sido submetido a severa punição corporal por parte dos colegas.

Como explicar essa forma de visualização verídica? Penso que era de natureza simbólica e que representava espécie de advertência em relação à atmosfera moral que cercava o homem que se achava diante de mim: um exemplo de suas qualidades de cavalheiro. A impressão que eu experimentara foi justificada em seguida, pois as suspeitas que em mim engendrara a minha visão foram amplamente confirmadas pelos sucessos desastrosos que se verificaram depois. Essas visualizações me parecem análogas às que são provocadas pela “psicometria”, em que não se trata de “visões telepáticas” mas de “impressões psíquicas”. Parece-me que seria absurdo pretender que a cena, que visualizei e se verificara dez anos antes, estivesse presente, naquele momento, na mente de seu próprio protagonista.”

Acho que a narradora tem absoluta razão em não admitir que a sua visão fosse engendrada pelo pensamento consciente do protagonista, que se teria lembrado, naquele justo momento, do vergonhoso incidente que se verificara na sua adolescência. Uma vez eliminada esta hipótese, encontramos-nos diante de caso idêntico aos que devemos examinar, nos quais um sensitivo percebe informações existentes da subconsciência de outras pessoas.

Relativamente às conclusões teóricas a formular, útil é salientar, no caso precedente, estas duas circunstâncias: em primeiro, que esse incidente tinha relação com a vida pessoal do protagonista e não com acontecimentos referentes a terceira pessoa qualquer, conhecida dela; depois, que o incidente visualizado, embora se tendo produzido muito tempo antes, era, no entanto, de natureza a ficar indelevelmente gravado na mente de quem o experimentara, de forma a vibrar permanentemente, por assim dizer, no limiar da consciência de quem fora protagonista dele, de modo a poder tornar-se perceptível, sob forma objetivada de visão, a um sensitivo ou a um médium.

Devo recordar a propósito que uma longa experiência me demonstrou que os sensitivos e os médiuns percebem muito dificilmente o pensamento consciente das pessoas presentes, mas o percebem, ao contrário, facilmente, desde que a pessoa presente deixe de pensar nele, isto é, quando o pensamento não é mais consciente, porém vibra ainda no limiar da consciência de quem o havia formulado. A este respeito, não será inútil acrescentar que as personalidades mediúnicas afirmam que tal acontece porque o pensamento em ação permanece absorvido e, por conseqüência, oculto para elas nos refolhos dos centros cerebrais daquele que pensa, mas que elas o percebem, ao contrário, facilmente, desde que o indivíduo, não pensando mais nele, libera assim a “forma pensamento” que engendrou e ele permanece em “forma” na “aura” do indivíduo, mais ou menos longamente, segundo a intensidade emocional do pensamento que o criou e, ainda, em certos casos, aí fica indelevelmente durante toda a vida.

Nestas condições, seria preciso concluir daí que, nos casos análogos ao que acabo de relatar, trata-se de receptividade *passiva* de “impressões psíquicas” (para empregar a expressão da Srta. Goodrich-Freer) e não de uma faculdade supranormal eminentemente *ativa*, que se infiltraria nas subconsciências dos outros para aí colher as informações que lhe são necessárias.

Em um outro ponto de vista, deve-se notar a diferença radical existente entre a natureza importante da informação de que se trata aqui, e que pinta um caráter, e os dados absolutamente insignificantes eles próprios, mas indispensáveis para a identificação pessoal, fornecidos pelos mortos que se comunicam, quando lhes são pedidos. Enfim, lembremos, desde já, que as circunstâncias em questão apresentam um valor teórico muito notável para a interpretação teórica dos fatos, tal como demonstrarei em breve.

*

Caso IX – Eis um segundo exemplo, análogo ao anterior. O célebre homem de Estado suíço, Zschokke, possuía faculdades excepcionais de sensitividade clarividente e a sua notoriedade é mesmo devida às suas qualidades de sensitivo mais do que as de político.

Escreve ele:

“Sucede-me freqüentemente que, ao esbarrar pela primeira vez com uma pessoa desconhecida e, enquanto, em silêncio, eu escuto as suas palavras, vejo passar, diante de meus olhos, sem a procurar, e perfeitamente distinta, uma visão de sua vida passada, enquadrada no ambiente em que ela se desenrolou, porém quase sempre vejo uma cena principal de sua vida e nada mais. Quando isso sucede, sinto-me de tal modo absorvido na contemplação da visão que se desenrola na minha frente, que quase não percebo mais o vulto da pessoa que me fala, embora continue contemplando o seu rosto, bem como não ouço mais a sua voz.

Durante muito tempo eu tive menos confiança do que qualquer outro na veracidade de tais visões e, quando me decidia a revelar ao meu interlocutor o que estava vendo a

seu respeito, esperava naturalmente ouvi-lo responder-me: “Nada disto é verdade” e muitas vezes sentia um calafrio de horror percorrer-me os ossos quando ele respondia confirmando a minha descrição, mas, outras vezes, o espanto que lhe aparecia no rosto punha-me informado da exatidão de minha visão antes que a confirmasse.

O incidente que passo a relatar foi um dos que mais me pasmaram: Cheguei certo dia à pequena cidade de Waldshut e fui hospedar-me no hotel *Vine Inn*, em companhia de dois jovens estudantes. Jantamos na mesa redonda com vários outros viajantes que se permitiam dar gostosas gargalhadas à custa de Mesmer e da “Fisiognomia de Lavater”. Um dos meus companheiros, que se sentia ofendido no seu orgulho nacional por essas risadas estúpidas, pediu-me que os contestasse e especialmente que fizesse calar um jovem que estava sentado à minha frente e que, mais do que qualquer outro, se permitia debochar e proferir ditos espirituosos contra os nomes desses dois grandes homens. No mesmo instante, tive uma visão da vida do jovem e por isso lhe dirigi a palavra, perguntando-lhe se podia estar certo de que ele me responderia sinceramente se eu lhe revelasse coisas notáveis de seu passado, embora me fosse desconhecido, fazendo-lhe notar que, se eu obtivesse bom resultado, seria ir muito mais longe do que Lavater com os seus estudos.

Ele me prometeu que, se as minhas revelações estivessem corretas, ele o confirmaria sem restrições. Então lhe descrevi tudo o que me havia aparecido na visão e todos os presentes ficaram, desse modo, informados da vida passada de um jovem viajante comercial, a começar dos seus anos de escola para passar pelos seus muitos erros juvenis e terminar com uma falta muito mais grave com relação ao cofre do seu chefe, e lhe descrevi, ainda, um quarto sem móveis, com as paredes caiadas de branco, onde, à direita de quem entrava, em cima da mesa, se achava um pequeno cofre preto, etc., etc.

Durante a minha narração, silêncio mortal reinou no ambiente, silêncio esse que só era por mim interrompido, de

vez em quando, para interrogar o meu interlocutor se estava correta a minha descrição. O jovem, cheio de maior espanto, não fazia outra coisa senão confirmar as minhas palavras, todas as vezes que o interrogava, por freqüentes movimentos da cabeça, o que fez também, e isso não esperava, quando lhe descrevi o último quadro. Surpreendido e comovido pela sua sinceridade, levantei-me e fui apertar-lhe a mão, do outro lado da mesa.

Dir-se-ia que cada homem traz consigo a história completa de sua vida como se ela ficasse escrita, em caracteres espirituais, em sua mente, onde outra pessoa, em *relação psíquica* com ele, podia lê-la.” William Howitt (*History of Supernatural*, vol. I, págs. 99/100).

Para este segundo episódio, também é bom notar o que eu disse a respeito do primeiro, isto é, que as informações sobre a existência passada do indivíduo, submetido ao exame do sensitivo, representam as coisas mais salientes do seu passado e, acima de tudo, dizem respeito exclusivamente à pessoa em questão e nunca a uma terceira pessoa que ele tenha conhecido quando viva.

*

Caso X – Este outro fato é tirado do livro *Voices from the Void* (Vozes do Vácuo), pág. 48, da Sra. Esther Travers-Smith. Essa senhora, tornada mais tarde médium afamado, sob o seu nome de solteira Esther Dowden, escreve o que segue:

“Outro episódio semelhante ao anterior se verificou certa tarde em que se achava presente o Sr. Y., ator dramático. A Srta. C. e eu servíamos de médiuns. A personalidade mediúnica descreveu um velho castelo que o Sr. Y. tinha comprado, dizendo que aqueles lugares eram assombrados e que a assombração dizia respeito a uma antiga história romântica. Tendo terminado a comunicação, eu disse ao Sr. Y.: “Não é melhor deixar de lado essas fantasias sem rima, nem razão? Elas não lhe podem interessar”, ao que ele me respondeu: “Ao contrário, elas me interessam vivamente, porque o que me foi ditado é o cenário de meu novo drama.”

Declaro que, tanto quanto a Srta. C., ninguém nada conhecia relativamente ao drama em que o Sr. Y. Trabalhava.”

No caso que acabo de transcrever, é mais do que nunca evidente que o médium percebeu o cenário do drama em que trabalhava o consulente, porque esse cenário, não estando, no momento, em sua mente, não podia senão vibrar vivamente no limiar de sua consciência. Dever-se-ia perguntar ainda: “telemnesia” ou “telepatia”? Percepção *ativa* ou percepção *passiva*? Nenhuma dúvida existe de que, nesta circunstância, mais do que nunca, tudo contribui para fazer pender a balança das probabilidades em favor de uma recepção passiva de impressões psíquicas.

*

Caso XI – Dedicando-me a relatar alguns exemplos de natureza igualmente extrema, nos quais o fenômeno da “leitura do pensamento nas subconsciências alheias” se realiza a grandes distâncias, observo que se acha sempre em presença da mesma perplexidade teórica a respeito das verdadeiras modalidades em que o fenômeno é produzido, isto é, que não se chega a notar nada de positivo em favor da “telemnesia”.

O célebre mitólogo Andrew Lang, em sua obra *The Making of Religion* (A formação da Religião), págs. 83/104, relata as suas próprias experiências com uma jovem inglesa de distinta família, Srta. Angus, que era notavelmente dotada para essa espécie de visualizações supranormais.

Ele narra, entre outros, o seguinte episódio:

“A última visão, que apareceu no cristal, interessava à sensitiva, mas desapareceu para dar lugar à aparição de uma senhora vestida com um penteador e deitada em um sofá, *com os pés descalços*. A Srta. Angus não conseguia distinguir o rosto dela, porque a imagem lhe aparecia voltada de costas, de modo que anunciou a nova visão com manifesta contrariedade, uma vez que estava interessada na imagem anterior. A Sra. Cockburn, entretanto, para quem nenhuma visão havia aparecido, mostrou-se contrariada com isso e particularmente me manifestou seu ceticismo sobre a veracidade das imagens percebidas no cristal. Em um sábado,

dia 5 de fevereiro de 1897, porém, tive novamente ocasião de fazer experiências, com a Srta. Angus, juntamente com a Sra. Bissot, e quando esta me anunciou que havia pensado em certa coisa para aparecer no cristal, a Srta. Angus dividiu no mesmo uma alameda de bosque ou de jardim perto de um rio, em um céu perfeitamente sereno e completamente azul. Na referida alameda achava-se uma senhora elegantemente vestida que, passeando, fazia girar sobre o seu ombro uma sombrinha belíssima, tendo os seus passos um encadeamento rítmico algo curioso. Ao lado dela estava um jovem cavalheiro, vestido com uma roupa branca leve, como a que se usa na Índia. Tinha os ombros largos, pescoço curto, nariz afilado e escutava sorrindo, mas indiferente, as palavras de sua companheira, evidentemente muito viva e bem loquaz. O rosto dessa senhora estava um tanto pálido e descarnado, como o de uma pessoa em más condições de saúde. Depois, a cena mudou e apareceu o mesmo moço, sozinho, tomando conta de um grupo de trabalhadores ocupados em derrubar árvores.

A Sra. Bissot reconheceu logo, na imagem que apareceu no cristal, a própria irmã, Sra. Clifton, que se achava na Índia, e ficou muito espantada quando a Srta. Angus imitou o andar da pessoa vista no cristal, andar peculiar causado por enfermidade que a Sra. Clifton havia sofrido anos antes. Além disso, a Sra. Bissot e o seu marido reconheceram o cunhado no homem visto pela sensitiva e então apresentaram à Srta. Angus uma fotografia da Sra. Clifton quando noiva e a Srta. Angus observou que o retrato parecia muito com a senhora por ela vista no cristal, conquanto nele parecesse mais bonita. Depois, recebemos um novo retrato da Sra. Clifton, tirado na Índia, no qual aparecia perfeitamente o rosto pálido e magro da visão no cristal.

No dia seguinte, domingo, 6 de fevereiro, a Sra. Bissot recebeu da Índia uma carta da irmã, com data de 20 de janeiro. A Sra. Clifton descrevia nela a localidade indiana aonde havia ido para uma “grande cerimônia” e na qual passara muito num jardim beirando um rio. Acrescentava

que iria partir com o marido para outra localidade, da qual partiriam para pleno campo até o fim de fevereiro, pois uma das atribuições dele consistia em serviço de derrubada de árvores para a preparação de dois campos, precisamente o que a Srta. Angus visualizara no cristal.

Quando a cética Sra. Cockburn foi informada dessas coincidências, teve uma idéia. Ela escreveu à filha para lhe perguntar se, quarta-feira, 2 de fevereiro, estivera deitada em um sofá, de roupão e com os pés descalços. A moça lhe respondeu que estivera assim, mas, quando soube de qual maneira o fato chegara ao conhecimento de terceiras pessoas, exprimiu toda a sua reprovação por essa forma de invasão ilícita da intimidade da vida de família...

O incidente dos “pés descalços” se produzira entre as 4:30 e 7:30 da tarde, ao passo que a “visão no cristal”, que a ela correspondia, se verificara às 10 horas da noite.”

Neste episódio, não se trata de “clarividência no presente”, considerando-se que, no incidente dos “pés descalços”, pôde-se verificar que a moça não se achara em tais condições senão três horas antes de ter sido visualizada no cristal. É preciso, então, acreditar que, uma vez estabelecida a *relação psíquica* entre o sensitivo e a jovem em questão (*relação psíquica* que se tinha estabelecido por intermédio da mãe dela, presente à experiência), a Srta. Angus chegara a visualizar esse incidente porque ele ainda vibrava vivamente no limiar da consciência da pessoa distante. E, neste caso, o incidente fora transmitido pela personalidade subconsciente do sensitivo à personalidade consciente por meio da “visão no cristal”.

Pode-se dizer o mesmo relativamente ao segundo episódio verificado entre a Inglaterra e a Índia. Com efeito, a Srta. Angus teve, primeiramente, a visão de duas pessoas passeando num jardim e logo depois a outra visão de uma das duas pessoas em questão ocupada em fiscalizar um serviço de derrubada de árvores, o que prova que, em ambos os casos, não se podia tratar de “clarividência no presente” e que se trataria, ao contrário, de “leitura à distância em subconsciências alheias”.

A pergunta habitual se apresenta então: tratava-se de “telepatia” ou bem de “telemnésia”? Em outros termos: achávamo-nos em presença do bem conhecido fenômeno de recepção *passiva* de impressões psíquicas à distância, com o estabelecimento preliminar da *relação psíquica* ou bem se trata da projeção *ativa* à distância de uma faculdade supranormal que busca e escolhe informações mnemônicas em subconsciências alheias? Observo a este respeito que, do mesmo modo que, em todos os casos que o precederam, tratam-se de incidentes pessoais que existem, ainda vivos, no limiar das consciências dos protagonistas distanciados, o que sugere a mesma explicação, isto é, deve tratar-se de percepção *passiva*, ou telepática, impressões psíquicas, e não de “telemnésia”.

*

Caso XII – Relato ainda um exemplo obtido pela “psicometria” extraído dos *Proceedings of the S. P. R.* (1923, págs. 273/342). Trata-se de uma moça que, por puro acaso, se apercebeu de que, se se segurasse um objeto, afastando de seu espírito qualquer outro pensamento, tinha então a representação mental das representações correspondentes à verdade, que estivessem em relação com o objeto em questão. Uma das suas amigas, Srta. Nelly Smith, que se ocupava de pesquisas metapsíquicas, a levou a empreender algumas experiências nesse sentido. O resultado delas foi dado na relação publicada pela Srta. Nelly Smith no supracitado volume dos *Proceedings*.

No episódio que vou resumir (já que se tratam de experiências longas e complicadas), a Srta. Nelly Smith tinha apresentado sucessivamente à sensitiva certo número de cartas provenientes todas da mesma pessoa, um Sr. Charleburg, industrial residente na Tchecoslováquia. Ele havia combatido contra os russos na I Grande Guerra, fora gravemente ferido e, nessas condições, recolhido e enviado para a Sibéria, num campo de concentração.

Ora, as cartas submetidas à psicometria e que tinham sido escritas depois da guerra, algumas da Tchecoslováquia, outras na Suíça, revelaram, sobretudo, à sensitiva as cenas dramáticas e os horrores dos campos de concentração siberianos, onde o prota-

gonista vivera durante três anos. É, então, evidente que, se uma carta escrita da Suíça em 1920 mostrava à visão da psicômetra cenas da vida daquele que a escreveu quando se achava na Sibéria, é que a “influência” contida no documento psicometrizado só serviu para estabelecer a *relação psíquica* entre a subconsciência da psicômetra e a do autor da carta, *relação psíquica* que permitiu ao primeiro conhecer, por “sintonização vibratória”, essa parte dos acontecimentos de sua vida que, graças à sua natureza emocional, ou o interesse intrínseco, ficaram mais profundamente gravados em sua “memória latente”.

Segue-se daí que, quando a Srta. Nelly Smith apresentou à sensitiva uma carta que o Sr. Charleburg lhe havia escrito de Leysin, na Suíça, a psicômetra começou por descrever a aparência de quem a tinha escrito para se mergulhar, em seguida e completamente, na visualização das suas dolorosas aventuras na Sibéria. Ela indicou, indiretamente, o país onde se desenrolaram os acontecimentos descritos, declarando que sentia um cheiro de “couro russo” (isto em relação com um episódio em que o traço característico mais saliente era constituído pelos estranhos arreios de cavalos que visualizara).

Ela continuou descrevendo minuciosamente uma das mais tristes recordações da prisão do protagonista, quando, tendo caído doente de tifo, foi colocado em um trenó aberto e enviado ao lazareto do campo, com uma temperatura de 40 graus abaixo de zero. A psicômetra descreveu em seguida a volta do paciente do lazareto ao campo de concentração, indicando exatamente a situação das diversas barracas, assim como dos caminhos que a elas conduziam. Em tal momento, ela teve a visão de um dos episódios mais característicos desse triste lugar, na pessoa de um vilão, tipo de chinês, encarregado da limpeza do campo, e o descreve assim:

“Percebo no campo um homem que conduz uma espécie de carrinho; ele corre, gira, choca-se um pouco por toda parte, às cegas. É uma carreta de duas rodas, puxada por um animalzinho magro, peludo, semelhando-se mais a um gordo macaco do que a um pequeno asno, ou mais ainda, talvez, a uma cabra. Jamais vi semelhante animal. A carreta

corre, voa, pula com uma louca impetuosidade, se bem que pareça ao ponto de tombar a qualquer instante...”

Quando o Sr. Charleburg leu este episódio, exclamou: “Onde então pôde a vidente conhecer esse pormenor, de que nunca falei com ninguém?” E explicou que se tratava de uma carreta de ferro, constituída de um grande recipiente colocado sobre duas rodas, no qual o pequeno e estranho chinês esvaziava diariamente todos os detritos, sólidos e líquidos, do campo, que ele colhia em cada barraca, para prosseguir, em seguida, na sua caminhada louca, sobressaltando, girando, esbarrando a cada momento, espalhando um pouco, por toda parte, o conteúdo do recipiente, o que não contribuía pouco para o tifo que alastrara entre os prisioneiros. Quanto ao animal atrelado no veículo, o Sr. Charleburg declarou que ele se tornara proverbial no campo, ninguém ousando afirmar a que gênero de quadrúpede pertencia. Tinha orelhas compridas como um asno, grossas pernas e largos cascos como um cavalo, comprida cauda de porco com um tufo de pelos na ponta e, no conjunto, semelhava-se a uma gorda cabra. Como cavalo, era anão, mas corria como o vento.

Na sétima apresentação da mesma carta, a psicômetra teve a audição de uma cantilena monótona, ritmada, triste, selvagem, que ela cantarolou. Essa audição foi de tal modo persistente que a sensitiva permaneceu, desde esse dia, incapaz de obter outras impressões. O Sr. Charleburg acrescenta a propósito:

“Essa cantilena eu ouvi pela primeira vez quando fui feito prisioneiro; ela me perseguiu durante todos os anos que passei na Rússia! Quando fui recolhido ferido, ouvia-a no caminho que me conduzia ao hospital. Escutei-a, novamente, no caminho da Sibéria, depois em Tobolsk, mais tarde em Radolnoj; por toda parte em que era transferido ouvia invariavelmente essa cantilena selvagem que os recrutas siberianos cantavam em coro quando enviados para a frente européia. Era uma melodia que me entristecia a alma; quando eu a ouvia durante a noite, sentia-me arrepiado. Escutei-a pela última vez na Finlândia, quando, na volta, nos achamos aprisionados pelos gelos.”

Este é apenas um resumo do complicado caso em questão, no qual as impressões psíquicas recebidas por meio da “psicometria” chegam a extremos excepcionais. E no entanto se verifica, igualmente e sempre, que as percepções da vidente se reportam a acontecimentos e incidentes que, por sua própria natureza, deviam estar gravados profundamente na alma daquele que os observou, quer sob o ponto de vista emocional, quer por causa da anormalidade dos fatos, quer devido à sua repetição insistente e monótona, de modo a vibrar em permanência, muito vivos, no limiar da consciência de quem os tinha vivido, no decurso de um terrível período de sua existência.

*

Começo por recordar que o grande problema que me proponho resolver por meio deste estudo era o de procurar e verificar, se possível, pelo exame dos fatos, se o domínio no qual se exercem as faculdades telepáticas e telemnésicas era, ou não era, suscetível de ser circunscrito em limites definidos.

Para atingir o fim, seria preciso, primeiramente, resolver o outro problema concernente à *relação psíquica* nas manifestações supranormais de natureza inteligente, no qual se poderia chegar em lhe aplicando os processos da análise comparada em um número suficiente de casos telepáticos para se verificar até que ponto a *relação psíquica* era, ou não era, indispensável à realização dos fenômenos dessa natureza.

Depois disso, era necessário completar as pesquisas em aplicando os mesmos processos da análise comparada aos fenômenos análogos de “leitura à distância nas subconsciências alheias” (telemnésia) e tal com o fim de examinar as modalidades nas quais eles se produzem e, em conseqüência, medir até que ponto é possível que um sensitivo ou um médium chegue a interrogar, extrair, nas subconsciências de pessoas afastadas, as informações que lhe são necessárias para mistificar o próximo.

No que concerne à lei da *relação psíquica*, pode-se ver que tudo contribui para demonstrar que esta lei reina soberanamente na classe dos fenômenos telepáticos, fora relativamente a um bem pequeno grupo de “exceções à regra”, onde a *relação*

psíquica existe de fato, mas sob a forma de projeção difusa de impressões psíquicas suscetíveis de se transformarem em visualizações representativas, porém nunca em dados biográficos propriamente ditos. Aliás, essas exceções à regra são de tal modo raras, de tal maneira limitadas a episódios especiais de natureza dramática e de tal forma excepcionais, por causa das condições de hipersensibilidade que eles exigem nos sensitivos e nos médiuns, que ainda que dramas e incidentes verifiquem diariamente em grande número, não cheguei a reunir senão nove casos do gênero em quarenta anos de pesquisas.

Todas estas circunstâncias, em um ponto de vista geral, tornam essas “exceções à regra” literalmente dispensáveis e isto é tanto mais verdade, em nosso caso, quando não se trata de projeções cinematográficas de um drama se desenrolando à distância (e, por conseqüência, de um fenômeno de recepção *passiva* de impressões psíquicas), mas de dados biográficos insignificantes fornecidos por personalidades de mortos com fins de identificação. Para atribuí-los à obra inquiridora das faculdades subconscientes, seria preciso atribuir ao médium faculdades supranormais, não *passivas* de recepção psíquica, mas essencialmente *ativas*, com projeção à distância de algo que seja capaz de se insinuar nas subconsciências alheias para ali selecionar e colher as informações procuradas. É esta a última hipótese que, em nosso ponto de vista, importava examinar a fundo, já que o pequeno grupo de “exceções à regra” da *relação psíquica* não revestia nenhuma importância.

Nestas condições, é-se já levado a concluir, de forma preliminar, que, de um lado, a lei da *relação psíquica* constitui o eixo indispensável dos fenômenos telepáticos, eixo sobre o qual repousa a existência deles mesmos, ao passo que, de outra parte, esta feliz solução do grande problema, ainda que não dispensável em nosso ponto de vista, só se reveste de um interesse secundário em face de outro problema formidável concernente às modalidades pelas quais se produzem os fenômenos de “telemnesia”.

A solução deste outro problema impunha-se, se se quisesse circunscrever, em justos limites, os poderes supranormais das “telemnesias”, que – segundo “os animistas totalitários” – colo-

cam os médiuns em posição de colher nas subconsciências de pessoas afastadas, mesmo que elas sejam desconhecidas de todos os assistentes, não apenas dados biográficos concernentes às pessoas em questão, mas dados que se referem a terceiras pessoas conhecidas desses assistentes. Relativamente a esta última questão, eu tinha chegado a demonstrar que, na realidade e conforme ao que se produzia para a telepatia, os poderes supra-normais da telemnesia são restritos a um círculo de ação muito mais modesto, racional e humano. Isto sobressai das seguintes circunstâncias: primeiramente porque a telemnesia, como a telepatia, é condicionada pela lei da *relação psíquica*; em segundo lugar porque ela se limita à percepção *passiva* de impressões psíquicas existentes, em estado vivo, no limiar das consciências das pessoas afastadas; em terceiro lugar porque se restringe a informações particulares às pessoas afastadas e não a informações concernentes a terceiras pessoas conhecidas delas; enfim, porque, como não é mais questão de percepção *ativa* nas subconsciências alheias, mas de percepção *passiva* de impressões psíquicas, esta última circunstância demonstra que não se pode tratar do que se entende por “telemnesia”, porém unicamente e sempre do que se entende por “telepatia”. Com efeito, a primeira é caracterizada (ou mais exatamente, deveria ser caracterizada, se existisse) pela forma *invasora* e *ativa* pela qual ela age, ao passo que a segunda é caracterizada pela forma *receptiva* ou *passiva* pela qual o médium percebe as impressões psíquicas.

Em outras palavras: tudo contribui para demonstrar que a telemnesia não existe. Foi o Prof. Hyslop quem propôs este termo, mas foi ele mesmo quem se apressou a acrescentar que a telemnesia não existia. Observo, então, que a análise comparada dos fatos demonstra que ele tinha razão em afirmá-lo, ao passo que, ao mesmo tempo, deve-se admitir a oportunidade prática de adotar esse termo que, mesmo sem a sua significação negativa, pode ser útil nesse sentido, isto é, que ele serve para designar uma classe de fenômenos hipotéticos sobre as quais os adversários da hipótese espírita fundam as suas audaciosas afirmativas.

Fica então entendido que, desta vez, consegui demonstrar, baseando-me nos fatos, que o fenômeno da “leitura do pensamento

na subconsciência alheia” não sai dos limites que caracterizam a percepção telepática de incidentes ainda recentes no limiar das consciências de pessoas presentes ou afastadas e, neste último caso, de pessoas afastadas com as quais se estabeleceu a *relação psíquica*, de uma maneira direta ou indireta. Em tais condições, não pode acontecer que um sensitivo chegue a colher, *ativamente*, nas subconsciências alheias de pessoas afastadas, dados biográficos muito especiais de que tenha necessidade, e isto tanto menos quando se trata de detalhes biográficos insignificantes e totalmente esquecidos, relativos a terceiros que as pessoas afastadas conheceram em épocas recuadas. Em outras palavras: quando eles percebem as informações biográficas nas subconsciências alheias, os sensitivos e os médiuns *não têm a liberdade de escolher, não captam nada, não selecionam coisa alguma*. O que se produz realmente consiste nisto: que, se dados recentes existem, no limiar da consciência da pessoa com a qual um sensitivo ou um médium se acha em relação, eles os percebem sob a forma de visões semelhantes a um quadro ou um filme cinematográfico.

Tal é a solução do formidável problema que examinamos, solução a que cheguei aplicando os processos científicos da análise comparada a uma imponente massa de episódios telepáticos e telemnésicos. Torna-se, assim, evidente a enorme importância teórica das conclusões que acabo de indicar e que implicam em que a existência e a sobrevivência do espírito humano já *estão* demonstradas experimentalmente, cientificamente, graças à classe numerosa dos casos de identificação de mortos que viveram obscuramente e ignorados dos médiuns e dos assistentes.

Quando os partidários de um “animismo totalitário” se acham na presença de casos de identificação espiritual inatacáveis por qualquer hipótese legítima ou sofisticada, eles se refugiam, infalivelmente, em cômoda objeção de natureza geral, consistindo em contestar que, como ninguém havia ainda chegado a fixar, experimentalmente, limites à onisciência telepática, seguia-se que a interpretação espiritual dos fenômenos mediúnicos era para sempre cientificamente impossível de demonstrar. Ora, com este estudo analítico, rigorosamente fundamentado em fatos, cheguei a

demonstrar que é possível, desde agora, circunscrever os limites nos quais agem as faculdades telepáticas, arrancando das mãos dos adversários a única arma defensiva de que dispunham ainda.

Termino observando que, para contestar as conclusões a que cheguei, só pode haver um método a seguir: o adotado pelo Dr. Eugène Osty para demonstrar, de acordo com os fatos, que a “leitura à distância nas subconsciências alheias” é uma verdade experimentalmente demonstrada. Apenas, como se pôde ver, a análise comparada é chamada a provar, também, que isso não podia produzir-se sem o auxílio da *relação psíquica* e que, nessas condições, a “leitura do pensamento” consistia sempre em uma percepção *passiva* de impressões psíquicas, e é tudo.

Segue-se daí que, se se quiser legitimamente submeter a uma revisão as conclusões às quais cheguei, ter-se-á só que repetir as magistrais experiências do Dr. Eugène Osty com o fito de as aprofundar, de maneira a demonstrar, de acordo com os fatos, que a “telemnesia capaz de selecionar” existe e, ao mesmo tempo, que ela não pode prescindir da *relação psíquica*. Os excelentes clarividentes, com os quais essas provas de controle podem ser buscadas, não faltam, sobretudo na França. Convido então os meus contraditores a empreender esse trabalho para relatar, em seguida, publicamente, os resultados a que chegarem, tudo isto em homenagem ao ideal comum a nós todos: o da procura da Verdade para a Verdade.

FIM

Notas:

- ¹ Para René Sudre, Robert Tocquel e Robert Amadou, o espírito de “Katie King”, embora fotografado junto com a sua própria médium, era a Srta. Florence Cook, mormente por falarem o inglês. No caso já de “Marie”, a dançarina, esta falava um dialeto argelino, ao que supomos uma mistura de francês e árabe. (N. T.)
- ² Essa obra de Bozzano foi por mim traduzida sob o título de *Fenômenos de Transporte*, visto haver transporte de fora para dentro (*apport*) e de dentro para fora (*asport*). (N. T.)
- ³ Naquela época havia os Sudres de todas as nacionalidades, como os Quevedos de hoje. Negar, negar, negar sempre... a verdade. (N. T.)
- ⁴ A entidade que se manifestou com o nome de “Katie King” teve quando na Terra o nome de Annie Owen Morgan e fora uma filha espúria do pirata Henry Owen Morgan, que se manifestava com o nome de “John King”. Talvez fosse o motivo acima que a levasse a não querer recordar sua vida terrena. (N. T.)
- ⁵ Segundo Robert Tocquet, em *Os poderes secretos do homem*, pág. 419, “o médium de Katie King era uma cínica e hábil far-sista” e isto desde tal idade. Pelo que se vê, os parapsicólogos julgam os outros por eles, em sua ojeriza pelos espíritos e médiuns. E há espíritas bem conhecidos que, apesar de tudo, se tornaram parapsicólogos, como se o termo espírita já fosse deprimente para eles. (N. T.)
- ⁶ Ler, sobre o assunto, o notável livro do pastor da Igreja Livre Unida, Rev. Walter Wynn, sob o título de *A morte não existe*, publicado por esta Editora. Note-se que a Igreja Anglicana é a da religião oficial da Inglaterra. (N. T.)
- ⁷ Foi também publicada, em 1935, em Genebra, Suíça, sob o título de *La Mission des Anges sur le Plan Terrestre et dans l’Au-delà* (A Missão dos Anjos no Plano Terrestre e no Além).

Anjos, como sabemos, são espíritos de grande elevação espiritual e que se mostram, geralmente, de túnica branca. (N. T.)

⁸ Quando Bozzano desencarnou, em 1945, durante a II Grande Guerra Mundial, ele não conhecia as obras psicografadas, sobre o assunto, pelos médiuns Francisco Cândido Xavier, no Brasil, e Anthony Borgia, na Inglaterra. (N. T.)

⁹ Convém lembrar aqui que telemnesia é a leitura paranormal do pensamento de pessoas presentes e até ausentes. (N. T.)